

POR QUE PERDEMOS? O OLHAR DA REVISTA PLACAR SOBRE A SELEÇÃO DO BRASIL NA COPA DE 1990

Cássio Augusto Guilherme¹

Resumo: Este artigo trabalha a cobertura da revista *Placar* sobre a preparação e participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da Itália, em 1990. O objetivo é perceber as discussões sobre o uso do sistema tático com líbero e a retórica sobre “modernizar” o futebol brasileiro ao estilo europeu. Antes, há uma contextualização sobre o futebol brasileiro, a seleção e a política da CBF no período. Ao final, indico a hipótese de que a conquista do tetra em 1994 começou na invenção da “era Dunga” pelo técnico Lazaroni na Copa de 1990, que formou a base e deu a experiência necessária aos atletas, bem como o sistema de jogo mais defensivo e pragmático.

Palavras-chaves: futebol, Lazaroni, *Placar*.

Why did we lose it? *Placar* magazine's point of view regarding the Brazil national football team in the 1990 World Cup

Abstract: This article discusses the coverage of *Placar* magazine on the preparation and participation of the Brazilian soccer team in the World Cup in Italy, in 1990. The objective is to understand the discussions about the use of the tactical system with libero, as well as the rhetoric about trying to “Modernization” of Brazilian football to the European style. In addition, there is a contextualization about Brazilian football, the team and the CBF policy in the period. In the final remarks, I suggest the hypothesis that the championship victory in 1994 started with the invention of the “Dunga era” by coach Lazaroni in the 1990 Cup, which formed the basis and gave the athletes the necessary experience, as well as the system more defensive and pragmatic.

Keywords: football, Lazaroni, *Placar*.

¿Por qué perdemos? La mirada de la revista *Placar* sobre la selección de Brasil en el Mundial de 1990

Resumen: Este artículo trabaja la cobertura de la revista *Placar* sobre la preparación y participación de la selección brasileña de fútbol en el Mundial de Italia, en 1990. El objetivo es comprender las discusiones sobre el uso del sistema tático con líbero y la retórica sobre “Modernizar” el fútbol brasileño al estilo europeo. Antes, hay una contextualización sobre el fútbol brasileño, la selección y la política de la CBF en el período. Al final, apunto la hipótesis de que la conquista del tetra en 1994 comenzó con la invención de la “era Dunga” por el entrenador Lazaroni en el Mundial de 1990, que sentó las bases y dio a los atletas la experiencia necesaria, así como el sistema de juego más defensivo y pragmático.

Palabras-clave: fútbol, Lazaroni, *Placar*.

¹ Professor da Faculdade de História (FaHist) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: cassionl@yahoo.com.br.

Introdução

A Copa do Mundo de futebol masculino, organizada pela FIFA em 1990 na Itália, é das Copas menos comentadas e pesquisadas por jornalistas e historiadores brasileiros. Recentemente, o canal *Sportv*, do Grupo Globo, reprisou diversos jogos antigos da seleção brasileira em Copas do Mundo e simplesmente ignorou o torneio de 1990². Embora realizada no país que então detinha o principal e mundialmente televisionado campeonato de clubes da Europa, onde desfilavam os principais craques das seleções favoritas³, a Copa da Itália foi considerada pelos analistas como de fraco futebol e caiu no limbo do comentarismo esportivo. Defendo que há três grandes motivos para se estudar esta Copa: foi a Copa da “fronteira da globalização” e, depois dela, o futebol se globalizou de vez; foi a Copa de pior desempenho e resultado da seleção brasileira; foi disputada em meio a importantes transformações geopolíticas mundiais.

No Brasil, não há publicação⁴ que trate especificamente sobre a Copa de 1990, seja com enfoque sobre a seleção brasileira, seja uma análise mais detalhada sobre o torneio, suas seleções, táticas, polêmicas, gols, contexto político etc. Quando muito, trabalhos gerais sobre Copas abordam o torneio, mas ainda assim curtamente. O jornalista Marcos Silva (2010) em “O Brasil nas Copas” dedica apenas 5 páginas ao “tudo errado” de 1990. O também jornalista Teixeira Heizer (2014), em grande obra sobre as Copas do Mundo, discute a de 1990 em somente 7 páginas. Em perspectiva mais acadêmica, o livro sobre “futebol, história e política”, organizado pelos pesquisadores Sergio Giglio e Diana da Silva (2014), também não possui um capítulo sobre a Copa realizada em meio ao fim da Guerra Fria, reunificação política da Alemanha campeã, revoluções no Leste Europeu e uso político da seleção pelo então presidente brasileiro Fernando Collor. Uma exceção importante é um dos dois volumes escritos por Airton Farias (2014) sobre a história das Copas, no qual dedica 40 páginas à Copa de 1990.

Pode-se argumentar que a lacuna bibliográfica sobre a Copa de 1990 no Brasil se dá devido à precoce eliminação da equipe e do sistema com líbero adotada pelo inexperiente treinador Sebastião Lazaroni. É verdade que derrotas não suscitam publicações ufanistas. Porém, comungo com os que veem nas derrotas em campo a maior necessidade e possibilidade para estudar e entender o futebol brasileiro. Como justifica Simoni Guedes, as derrotas em Copa são “ocasiões plenas de significados” (2006, p. 81), a partir das quais pode-se debater tanto as questões técnicas e táticas, quanto uma série de valores, ideias, fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos em que as derrotas estão inseridas. A título de exemplo, livros sobre o Maracanazo de 1950 (HEIZER, 2010), sobre a “tragédia do Sarriá” (ROMÁN e

² Ao menos nos primeiros 45 dias do programa Faixa Especial do canal, quando este artigo é finalizado.

³ A lista é grande, mas aqui estão apenas alguns exemplos: como Maradona (Napoli), Van Basten (Milan), Matthäus (Internazionale), Caniggia (Atalanta), Katanec (Sampdoria) Dunga (Fiorentina) Careca (Napoli), Völler (Roma) Baresi (Milan), Rubén Paz (Gênoa) e Zavarov (Juventus).

⁴ Recentemente os ótimos sites do Trivela e Ludopéio, sempre com base em densa pesquisa bibliográfica e em fontes jornalísticas de época, têm produzido excelente material sobre diversas temáticas ligadas ao futebol, inclusive sobre a Copa de 1990.

ZANATA, 2012) e as duas décadas sem conquistas em Copas da seleção brasileira (OSTERMANN, 1992) nos instigam a muitas reflexões para dentro e fora do campo de futebol.

Assim, este artigo⁵ aborda a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1990 a partir do que foi reportado⁶ e comentado pela revista *Placar*. Por limitação de espaço, não será abordada toda a Copa em seus pormenores, o que em si daria um livro. Meu recorte temporal trata da edição 1.024 (26/01/90), a primeira não comemorativa publicada no ano, até a edição 1.050 (03/08/90) que traz uma entrevista com o demitido técnico Lazaroni. Duas edições depois, a revista deixou de ser semanal. *Placar* era a única revista esportiva do país e, conforme as memórias de seu editor Juca Kfourri, “a Copa do Mundo, na Itália, seria a última oportunidade de sobrevivência da *Placar*, já que o primeiro semestre tinha sido um descalabro [nas vendas]” (2017, p. 90). Mas aí a seleção jogou mal na primeira fase, foi eliminada pela rival Argentina na fase de oitavas-de-final, o pior resultado da seleção⁷. E a Editora *Abril* decidiu fechar a revista.

Comenta Victor Andrade de Melo *et al*, em obra referência sobre a pesquisa histórica focada no esporte, que grande parte delas utiliza os meios de comunicação como objeto e/ou fonte. É nos meios de comunicação que se realizam “boa parte dos embates acerca dos sentidos e significados atribuídos ao esporte” (2013, p. 114). A partir da imprensa esportiva, podemos perceber as múltiplas vozes de atletas, dirigentes, comentaristas e público que têm o poder de interferir nas dinâmicas dentro e fora de campo. Por isso, os meios de comunicação “são parte central da experiência esportiva, atingindo não apenas o público, mas também os atletas e demais profissionais envolvidos” (2013, p. 113) e seu uso em pesquisas de história do futebol é fundamental.

O cuidado metodológico no trato com este tipo de fonte se baseia nas ponderações de Tânia Regina de Luca (2011). A experiente historiadora defende o uso da imprensa tanto como fonte quanto como objeto de pesquisa, desde que atentadas para a compreensão do seu contexto histórico, de elaboração e interesses envolvidos. Por isso, além do conteúdo das matérias e as informações que trazem, é preciso observar a linha editorial e quem são os colaboradores do periódico. Assim, este artigo analisa a cobertura da revista *Placar* sobre a seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1990, em debate com a parca bibliografia existente. Primeiro, contextualizamos a fonte e seu principal colunista. Depois, contextualizamos o futebol brasileiro, a seleção e a CBF em finais dos anos 1980. Por fim, trabalhamos a fonte.

A revista *Placar* no contexto:

⁵ Por causa da grande quantidade de citações diretas e indiretas da fonte (revista *Placar*), optei por não as referenciar no corpo do texto, mas sim, em notas de rodapé. Espero assim garantir melhor fluidez na leitura e ao mesmo tempo, garantir aos demais pesquisadores o acesso da fonte.

⁶ No geral, as matérias de *Placar* não têm assinatura do jornalista que as escreveu. Apenas no período da Copa do Mundo é que as matérias são assinadas por Jorge Luiz Rodrigues e Juca Kfourri.

⁷ Desde 1966, quando a seleção brasileira foi eliminada ainda na primeira fase de grupos.

A revista *Placar* é, certamente, a publicação esportiva de maior importância e longevidade na história do jornalismo esportivo brasileiro. Antes dela, as revistas tiveram vida relativamente curta. A *Manchete Esportiva* circulou entre 1955 e 1959, a *A Gazeta Esportiva Ilustrada* entre 1953 e 1967 e a *Revista do Esporte* entre 1959 e 1970. Criada em 1970, *Placar* foi mais um dos vários lançamentos ambiciosos da Editora *Abril* destinados a públicos específicos de leitores⁸. De números experimentais entre fevereiro e março, foi em 20 de março que saiu o número 1 de *Placar*, uma revista semanal de futebol. O plano da *Abril* era aproveitar o momento de euforia pré-Copa do Mundo do México, a intervenção da Ditadura Militar para nacionalizar o futebol de clubes e o lançamento pelo governo federal da nova Loteria Esportiva. O objetivo era fazer da *Placar* uma espécie de guia para os apostadores da Loteria.

Desde o seu início, a *Placar* se firmou como uma revolução permanente na imprensa esportiva brasileira. Logo no seu 2º número publicou uma longa e polêmica carta do demitido técnico da seleção brasileira, João Saldanha, dando a sua versão para a conturbada demissão. A mesma edição ainda criticava a intervenção da Ditadura no futebol através do ministro da Educação Jarbas Passarinho. Como aponta João Malaia (2012), ao longo de sua história, a revista passou por diversas transformações, mas sempre manteve uma abordagem social e política do futebol.

Os jornalistas Bruno Chiarioni e Márcio Kroehn (2010) narram em detalhes a longa história de *Placar*, seus períodos, transformações, altos e baixos nas bancas. A revista se caracterizou pela ótima qualidade dos textos, sempre densos, que debatiam tanto o caráter lúdico quanto social do futebol e assinados por jornalistas experientes e premiados, além de grande quantidade de fotos. Também mantinha correspondentes em quase todos os estados e trazia ao leitor a novidade do “Tabelão”, com a ficha técnica completa de todos os jogos da semana. Outra característica sempre presente na revista foram as reportagens com denúncias de falta de infraestrutura para o futebol no país, a corrupção nos bastidores do esporte e a constante inabilidade dos cartolas, em especial dos dirigentes da CBD e depois CBF. Elas rendiam prestígio editorial à revista, mas também críticas e processos judiciais.

Em geral, nos períodos de Copa do Mundo crescia as vendas na banca. Porém, após as derrotas nas Copas, o desânimo do torcedor resultava em declínio das vendas. Entre Copas, as vendas cresciam no curto período do ano em que eram disputados os confusos e inchados campeonatos Nacionais, mas elas voltavam a cair nos longos estaduais. A Editora *Abril* então tentou intervir e remodelar a revista. Em abril de 1984 criou a *Placar de Todos os Esportes*, com bastante espaço para outras modalidades que antes eram noticiadas em pequenos espaços na revista. A resposta nas vendas não foi a esperada e os leitores de futebol não gostaram da novidade.

Os anos 1980 foram de grande instabilidade política e econômica para o Brasil, o que também repercutiu na caótica desorganização dos campeonatos Nacionais pela CBF, comandada por cartolas sempre em

⁸ Naquele período, a editora de Victor Civita havia lançado: *Capricho* (1952), *Quatro Rodas* (1960), *Cláudia* (1961), *Realidade* (1966), *Veja* (1968), *Placar* (1970), *Exame* (1971) e *Playboy* (1975).

acirradas disputas internas por poder. Em campo, a frustração com as derrotas nas Copas de 1982 e 1986 completaram o cenário difícil para a *Placar*. Em novembro de 1984, a revista volta ao seu padrão anterior e faz uma das melhores coberturas de Copa do Mundo, em 1986 no México. Como uma de suas principais bandeiras era a elaboração de um calendário organizado e mais poder de mando para os clubes, a *Placar* apoiou a criação do Clube dos 13 e aderiu à Copa União em 1987.

A derrocada deste ensaio emancipatório dos clubes repercutiu mais uma vez na revista. Em setembro de 1988, ela se torna a *Placar Mais*. Uma nova roupagem, maior, com mais fotos e textos curtos, o que “é considerada por muitos a culpada pela derrocada da fase semanal, por trocar textos analíticos por notinhas” (CHIARIONI e KROEHN, 2010, p. 256). Esta fase também acabou cedo e, em março de 1989, a revista voltou ao seu modelo original, mas ainda com textos curtos. Uma renovação na redação da revista pareceu dar-lhe novo fôlego, mas os anos de 1989 e 1990 foram péssimos para a economia e a seleção decepcionou na Copa de 1990. A última edição semanal da *Placar* foi em 17 de agosto de 1990, com o Guia do Campeonato Brasileiro.

A história da *Placar* se confunde com a do jornalista Juca Kfourri (2017). Inicialmente funcionário do arquivo da Editora *Abril*, Juca passou a chefiar a *Placar* em 1974 e, salvo curtos períodos, liderou a redação desde então. Em seu livro de memórias, ele narra a tristeza diante da decisão da *Abril* de “descontinuar” a revista após a precoce eliminação do Brasil na Copa de 1990. A *Placar* foi substituída pela revista *Ação*, destinada a esportes radicais. Porém, Juca e outros apaixonados jornalistas mantiveram a *Placar* funcionando mensalmente, em “edições especiais”, até 1995, quando a *Abril* decidiu relançar a revista com outra roupagem.

O futebol brasileiro no contexto

O novo ciclo do futebol brasileiro, iniciado após a derrota na Copa do México em 1986, foi conturbado fora de campo, o que respingou dentro dele, tanto na preparação da seleção, quanto nos clubes nacionais. Em janeiro de 1986, uma tumultuada eleição na CBF elegeu presidente Octávio Pinto Guimarães, ex-presidente da Federação do Rio de Janeiro, e Nabi Abi Chedid, deputado estadual pelo PFL de São Paulo. A gestão, segundo Amaury Ribeiro Jr. *et al*, foi desastrosa, a CBF estava quase falida, o comando era péssimo, “Guimarães e Chedid se pegavam pelos corredores da CBF” (2014, p. 57) e promoviam bate-bocas públicos pela imprensa.

Embora eleitos prometendo resolver o sempre bagunçado calendário das competições nacionais, em especial o inchado campeonato Brasileiro, no Brasileirão de 1986 houve 80 clubes participantes e promessas de rebaixamentos para o ano seguinte. O confuso regulamento suscitou disputas na Justiça, paralisação temporária da competição e até uma virada de mesa que mudou o regulamento. A final foi disputada apenas no fim de fevereiro do ano seguinte.

O primeiro semestre de 1987 foi de intensa discussão entre clubes e Confederação sobre o formato do campeonato nacional. A CBF anunciou que não tinha dinheiro para organizar o campeonato. Assim, os clubes fundaram

o Clube dos 13, conseguiram os patrocínios e formaram a elitista Copa União entre eles mesmos. Sem espaço para entrar na polêmica, o livro-memória de Juca Kfourri (2017) explica o apoio da *Placar* ao Clube dos 13, enquanto os jornalistas André Galindo e Cássio Zirpoli (2017) ponderam os direitos do Sport Recife como campeão daquele ano. Em guerra com o Clube dos 13, a CBF indicou Sport Recife e Guarani para representar o Brasil na Taça Libertadores da América do ano seguinte. Os campeonatos nacionais de 1988 e 1989 voltaram a ser organizados pela CBF e com um mínimo critério de ascenso e descenso.

Os clubes brasileiros não iam bem. Em campo, eliminações precoces nas Taças Libertadores de 1987, 1988 e 1990. Apenas em 1989 é que o Internacional chegou até a semifinal, derrotado pelo Olímpia do Paraguai. Na avaliação do jornalista Paulo Vinícius Coelho (PVC), no Brasil “a impressão à época era de pobreza nos campos do país, de seca de craques, de entressafra” (COELHO, 2009, p. 120).

Fora de campo, como diz o mesmo jornalista, “o ciclo vicioso brasileiro era tenebroso. Os craques iam embora, os estádios se esvaziavam, os clubes não tinham dinheiro e não conseguiam competir com as moedas europeias” (2009, p. 121). Os anos de 1987 a 1989 foram de grande debandada de atletas rumo à Europa⁹. A *Placar* reportou a “injusta competição entre o dólar e os sempre desvalorizados cruzeiro, cruzado e cruzado novo”, consequências da década de enorme crise econômica no Brasil. A Itália era a grande Meca do futebol dos anos 1980 e possuía o campeonato nacional mais competitivo, com dezenas de astros internacionais, mas também havia brasileiros migrando para países menos ricos ou tradicionais no futebol, como Portugal, México, Suíça, Japão e Turquia. A revista criticou os cartolas brasileiros: “ninguém parece muito preocupado”¹⁰.

O historiador Hilário Franco Jr argumenta que os clubes brasileiros viviam a difícil adaptação ao modelo liberal, uma conjuntura mundial de “franca expansão do capitalismo no campo esportivo” (2007, p. 155). Como mostram Miguel Pereira e João Coelho (2018), os anos 1980 consolidaram a entrada de patrocínios nas camisas, a presença fundamental da televisão, a remodelação política e econômica dos clubes e a reforma de antigos estádios que anos depois formaria uma minoria milionária no esporte. Segundo Airton Farias, a escolha da Itália como sede da Copa de 1990 está inserida neste contexto. Em 1981, o país aprovou uma “legislação desportiva extremamente liberal” (FARIAS, 2014, p. 32), dando aos clubes autonomia para se tornarem empresas ou serem vendidos a grandes grupos econômicos, o que atraiu vultuosos investimentos mercantis no campeonato local, possibilitando a contratação dos principais jogadores de todo o mundo.

A revista *Placar* avaliou o cenário brasileiro. Embora reconheça o êxodo de atletas, a queda de público nos estádios e as “brigas por interesses

⁹ Havia migrações para grandes clubes como Mozer (Benfica), Renato Gaúcho (Roma) e Alemão (Atlético de Madri), para clubes medianos como Careca (Napoli), Muller (Torino), Silas (Sporting), mas também para clubes então pequenos ou desconhecidos, como Romário (PSV), Dunga (Pisa-Ita), Pita (Racing-Fra) e João Paulo (Bari-Ita)

¹⁰ O QUE IMPORTA É EXPORTAR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021, de 05/01/1990, p. 16-17.

peçoais” que “esvaziaram” e tornaram “impotente” o Clube dos 13, a revista reforça que a Copa União de 1987 foi um sucesso de público e renda, os patrocínios melhoraram o caixa dos clubes e havia bons exemplos administrativos, como o São Paulo FC. Assim, a revista avaliou que a década de 1980 assistiu a um curto, mas importante, “passo à frente” e ficaria marcada como a “época que o futebol tentou sair da Idade Média para a Era do Profissionalismo. Uma década de transição com derrotas clamorosas e poucas, mas importantes vitórias”¹¹.

A desorganização na CBF era tanta que, após a eliminação na Copa de 1986, a seleção ficou meses sem atividade. 1987 foi ano de pré-olímpico e Copa América. A CBF procurou um treinador que aceitasse o comando do time olímpico e, a depender dos resultados, a promoção para a seleção principal. Três declinaram, mas Carlos Alberto Silva, treinador do Cruzeiro, decidiu aceitar o risco¹². O interessante é que ele continuou no comando do clube mineiro, do qual se licenciava, sendo substituído por um interino quando estava a serviço da seleção. Não havia um técnico exclusivo para pensar a preparação da seleção ao longo de todo o ano/ciclo entre Copas e demais competições.

O sofrido título do pré-olímpico garantiu Silva, mas na Copa América dias depois a seleção foi eliminada na primeira fase, após goleada para o Chile. A CBF tentou novamente convencer Cilinho a aceitar o cargo na seleção, mas sem sucesso. A seleção principal só voltou a campo em julho de 1988, em preparação para os Jogos Olímpicos de Seul, onde conquistaria a medalha de Prata. Após a conquista, Silva reclamou da desorganização da CBF e se disse satisfeito por ter deixado a seleção “em melhores condições do que a encontrei”¹³. De fato, o time de Silva tinha uma base que seria aproveitada nos anos seguintes, como Taffarel, Jorginho, Ricardo Gomes, Valdo, Bebeto e Romário.

Ricardo Teixeira na CBF e Sebastião Lazaroni na seleção

Toda esta sucessão de desorganização no futebol brasileiro favoreceu que em janeiro de 1989, por aclamação e sem concorrente, a CBF elegeu Ricardo Teixeira para presidi-la. Genro do João Havelange, ex-presidente da CBD e então presidente da FIFA, Teixeira não tinha a mínima relação com o futebol. Porém, com a ajuda do sogro, soube como se aproximar dos presidentes das Federações estaduais. Sempre com boa conversa, favores, distribuição de passagens e promessas, ele “vendia a imagem de modernidade e de administração profissional, de quem tinha experiência no mercado financeiro” (RIBEIRO JR, *et al*, 2014, p. 60). Eleito, entregou diretorias da CBF para Eurico Miranda, José Maria Marin e o ex-presidente Otávio Guimarães, mas se recusou a falar com a revista *Placar*, na qual Juca Kfourri criticou sua

¹¹ CLUBES DÃO UM PASSO À FRENTE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021, de 05/01/1990, p. 18.

¹² OS PLANOS DE CARLOS ALBERTO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 876, de 16/03/1987, p. 28.

¹³ O DESABAFO DO TREINADOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 957 de 07/10/1988, p. 7.

“dependência em relação ao esquema das Federações”, mas prometeu dar-lhe um voto de confiança e sugeriu que se aproximasse do Clube dos 13¹⁴.

Um avanço importante foi a definição de que o novo treinador da seleção deveria ser com dedicação exclusiva. Teixeira preferia e tentou Carlos Alberto Parreira, mas questões contratuais o impediram de deixar o futebol árabe. Como Teixeira tinha escasso conhecimento sobre futebol, escolheu um nome soprado pelo vascaíno Eurico Miranda: o pouco experiente, mas tricampeão carioca, Sebastião Lazaroni, 38 anos e então treinador Al Ahli da Arábia Saudita¹⁵. Segundo a *Placar*, foi “uma indicação surpreendente [...] seus algozes garantem que, além da falta de maior experiência, o treinador foi escolhido por aceitar as intromissões dos cartolas na convocação e escalação de sua equipe”¹⁶. De Fato, em sua posse, foi Ricardo Teixeira quem anunciou a convocação de 39 jogadores para os primeiros treinos e amistosos da seleção.

O ano de 1989 era de importantes competições para a seleção. Em julho, a Copa América a ser realizada no Brasil, competição que a seleção não vencia desde 1949¹⁷. Nos dois meses seguintes, os jogos das Eliminatórias para a Copa do Mundo da Itália, competição que a seleção brasileira nunca ficou sem disputar. Nos primeiros amistosos, Lazaroni utilizou apenas atletas que atuavam no futebol brasileiro, em especial no futebol carioca. Aproveitando-se da base de Flamengo e Vasco, que ele já conhecia, implantou o sistema 4-3-3¹⁸, enfrentou frágeis seleções da América do Sul e colheu esperadas vitórias pouco convincentes¹⁹. Depois, em excursão pela Europa e reforçado por jogadores que lá atuavam, mudou o sistema para o 4-4-2²⁰, também enfrentou seleções medianas, mas com resultado desastroso²¹. Lazaroni ficou pressionado.

Nove dias após esta desastrosa excursão à Europa, a seleção de Lazaroni estreou na Copa América diante da fraca Venezuela. O desempenho na

¹⁴ O PODEROSO CHEFÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 972 de 27/01/1989, p. 10-13; KFOURI, Juca. Coluna. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 973 de 03/02/1989, p. 14.

¹⁵ O mineiro Sebastião Lazaroni era formado em educação física e tinha 39 anos de idade na Copa do Mundo de 1990. Trabalhou nas categorias de base do Flamengo nos anos 1970 e treinou o Al Ain dos Emirados Árabes entre 1983 e 1984. Voltou ao Flamengo em 1984 como preparador físico do time. Em 1986, assumiu o time interinamente e conquistou o título carioca. Em 1987 e 1988 foi campeão carioca pelo Vasco da Gama. Seu desempenho nos Nacionais, porém, foi fraco.

¹⁶ ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 972 de 27/01/1989, p. 14.

¹⁷ É certo que a competição não tinha grande regularidade de datas. Entre 1967 e 1987 houve apenas 5 edições, mas de qualquer forma, o Brasil não vencia a Copa América há 12 edições.

¹⁸ O time base utilizado foi: Acácio (Vasco); Jorginho (Flamengo), Aldair (Flamengo), André Cruz (Ponte Preta) e Eduardo (Fluminense) ou Mazinho (Vasco); Bernardo (São Paulo) ou Zé do Carmo (Vasco), Bismarck (Vasco) e Bobô (São Paulo); Bebeto (Flamengo), Washington (Guarani) e Zinho (Flamengo).

¹⁹ 1x0 Equador; 3x1 Al-Ahli-Ara; 2x0 Paraguai; 4x1 Peru e 1x1 Peru.

²⁰ O time base utilizado foi: Acácio ou Taffarel (Internacional); Paulo Roberto (Vasco), André Cruz, Ricardo Gomes (Benfica) e Branco (Porto) ou Mazinho; Bernardo, Silas (Sporting), Edu Manga (Palmeiras) ou Geovani (Vasco) e Valdo (Benfica) ou Cristóvão (Grêmio); Bebeto ou Renato Gaúcho (Roma) e Charles (Bahia).

²¹ 4x0 Portugal; 1x2 Suécia; 0x4 Dinamarca; 0x1 Suíça; 0x0 Milan.

competição seria fundamental para a permanência ou não do treinador até a Copa do Mundo. As seleções do continente foram divididas em dois grupos com sedes fixas²². O Brasil ficou no Grupo A, com jogos a serem realizados em Salvador. Lazaroni não convocou o atacante Charles, xodó da torcida do Bahia, campeão Brasileiro de 1988. Prática comum à época para agradar torcidas locais onde a seleção jogaria, Teixeira e Eurico Miranda forçaram a convocação do atacante baiano. Lazaroni o cortou e o clima ficou tenso nos jogos do Brasil na primeira fase. A torcida queimou bandeiras, vaiou o hino nacional, levou faixas de protesto contra a “máfia na CBF”, atirou ovos, laranjas e pedras para dentro do gramado²³.

Depois da desastrosa excursão à Europa, o técnico Lazaroni promoveu uma mudança radical no sistema tático da seleção brasileira. Segundo PVC, a ideia lhe foi soprada pelo auxiliar técnico Nelsinho para “montar uma defesa mais fechada” (2014, p. 130). Assim, adotou o 3-5-2, com líbero e laterais atuando como alas. O treinador se justificou alegando ser o que havia de mais moderno no futebol europeu do momento²⁴. A *Placar* foi taxativa: “ou o novo esquema tático dá certo ou Lazaroni perde o emprego”²⁵. A revista explicou para o leitor que o uso do líbero era uma “mudança radical”, os jogadores ainda tinham dificuldade para se movimentar no novo esquema e comparou ao futebol europeu: “Na realidade, nenhum time brasileiro atua como a Seleção – quatro zagueiros, mais um líbero atrás. Na Europa, onde Lazaroni foi buscar inspiração para a mudança, usam-se o líbero e, no máximo, três zagueiros. Isso confundiu os jogadores, sobretudo os da defesa”²⁶.

Lazaroni ficou sem Careca, Jorginho e Tita, demorando para encontrar a sua formação ideal²⁷. Os primeiros jogos foram difíceis e o lamaçal do gramado da Fonte Nova levou a última rodada do grupo para o estádio do Arruda, no Recife²⁸. Precisando da vitória para não ser eliminado, o treinador encontrou mais receptividade da torcida e escalou os 11 que seguiram até o final da competição²⁹. A fase final, com os dois primeiros colocados de cada grupo, foi toda realizada no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. O Brasil

²² No Grupo A com sede em Salvador: Brasil, Paraguai, Colômbia, Peru e Venezuela; No Grupo B com sede em Goiânia: Argentina, Uruguai, Chile, Equador e Bolívia.

²³ FONSECA, Divino. Passos decisivos em terra hostil. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 994 de 07/07/1989, p. 14-16.

²⁴ Embora o espaço aqui não permita, é importante apontar que Jonathan Wilson (2016) mostra que, embora ainda fosse um sistema muito utilizado no continente (20 das 24 seleções jogariam a Copa de 1990 no sistema 3-5-2), já estava em andamento na Europa a revolução tática implementada por Arrigo Sacchi no Milan. No mesmo sentido, PVC (2018), mostra que mesmo no Brasil, o Flamengo de 1987, o Vasco de 1989 e depois o São Paulo de Telê, davam curso à um “jeito novo de jogar”, um sistema 4-4-2 com atacantes de movimentação e um losango ou quadrado no meio campo.

²⁵ FONSECA, Divino. Passos decisivos em terra hostil. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 994 de 07/07/1989, p. 14.

²⁶ FONSECA, Divino. Passos decisivos em terra hostil. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 994 de 07/07/1989, p. 15.

²⁷ Nos três primeiros jogos o time base foi: Taffarel; Aldair (Benfica), Mauro Galvão (Botafogo) e Ricardo Gomes; Mazinho ou Alemão (Napoli), Dunga (Fiorentina), Geovani, Valdo e Branco; Bebeto e Romário (PSV).

²⁸ Em Salvador: 3x1 Venezuela; 0x0 Peru; 0x0 Colômbia. No Recife: 2x0 Paraguai.

²⁹ O time base até a final foi: Taffarel; Aldair, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Mazinho, Dunga, Silas, Valdo e Branco; Bebeto e Romário.

venceu com autoridade os três clássicos regionais contra o campeão do Mundo, a Argentina de Diego Maradona; o Paraguai do goleiro Gato Fernández; e o Uruguai do meia Enzo Franchescoli³⁰. Brasil campeão e Lazaroni elogiado.

A repercussão³¹ na *Placar* foi bastante ufanista e celebrada. Lazaroni foi elogiado por domesticar o vestiário e calar os que o acusaram de “tentar europeizar o futebol brasileiro”. Segundo a revista, “habilidade não faltou ao time”, com muitas jogadas de ultrapassagem, uma dupla de ataque que “infernizou a vida dos zagueiros”, Bebeto acabou artilheiro e Romário foi decisivo. O trio de zagueiros, que sofreu apenas 1 gol na competição, teve “domínio sobre os atacantes adversários” e também o goleiro Taffarel venceu a desconfiança da torcida. Na ala, Mazinho foi uma grata surpresa. No meio campo, Dunga “parou Maradona ou qualquer outro”, Silas e Valdo aprenderam a movimentação necessária para o novo sistema de jogo. Bebeto e Romário garantiram os gols. A questão agora era arrumar um lugar no ataque para o centroavante Careca, em grande fase no futebol italiano³².

Nas eliminatórias para a Copa do Mundo, as nove seleções foram divididas em três grupos³³. Os dois melhores campeões garantiriam vaga direta e o terceiro disputaria uma repescagem³⁴. No grupo 3, diante da fragilidade da Venezuela goleada em todas as partidas, a disputa ficaria entre Brasil e Chile. No primeiro encontro em Santiago houve muita confusão, Romário expulso e empate. No jogo de volta no Maracanã, o Brasil dominou a partida fazendo do goleiro chileno Roberto Rojas (São Paulo) o grande destaque do primeiro tempo. Logo no início da segunda etapa, Bebeto e Careca fizeram grandes jogadas e o artilheiro do Napoli abriu o marcador³⁵. O jogo caminhava para a classificação brasileira, até que um sinalizador lançado da arquibancada caiu no campo próximo ao goleiro chileno, que simulou contusão e saiu carregado pelos seus companheiros que abandonaram a partida. Uma grande farsa que repercutiu por meses e resultou no banimento de Rojas, suspensão por 5 anos do treinador chileno e do zagueiro Astengo (Grêmio), além da exclusão do Chile das Eliminatórias para a Copa de 1994³⁶. A revista *Placar* foi taxativa: Careca era o dono da camisa 9³⁷.

³⁰ No Rio de Janeiro: 2x0 Argentina; 3x0 Paraguai e 1x0 Uruguai.

³¹ COELHO (2014) indica que foi o *Jornal do Brasil* quem destacou a presença de Dunga naquela seleção, e apelidou o novo modo de jogar do time de Lazaroni como “era Dunga”.

³² CAMPEÃO SE GRITA EM PORTUGUÊS. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 996 de 21/07/1989, p. 4-10.

³³ Grupo 1: Uruguai, Bolívia e Peru; Grupo 2: Colômbia, Paraguai e Equador; Grupo 3: Brasil, Chile e Venezuela.

³⁴ A Argentina já tinha vaga garantida por ter sido campeão na Copa de 1986. Ao final, Brasil e Uruguai se classificaram diretamente, enquanto a Colômbia garantiu vaga ao vencer Israel na repescagem.

³⁵ A equipe jogou com: Taffarel; Aldair, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Silas, Valdo e Branco; Bebeto e Careca.

³⁶ Todos os detalhes desta polêmica estão em ótima matéria da revista online Trivela: “A confusão que virou farsa e é lembrada como folclore: os 30 anos do Brasil x Chile de 1989”, assinado por Emmanuel do Valle. Disponível em: <https://trivela.com.br/a-confusao-que- virou-farsa-e-e-lembrada-como-folclore-os-30-anos-do-brasil-x-chile-de-1989/>

³⁷ A CAMISA 9 TEM DONO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.002 de 25/08/1989, p. 6.

Ainda no final de 1989, a seleção entrou em campo mais três vezes e contra adversários europeus favoritos para a Copa de 1990. Os resultados foram excelentes: vitória fora de casa contra a completa seleção da Itália; empate em casa contra a jovem, mas promissora seleção da Iugoslávia; vitória fora de casa contra uma desfalcada Holanda³⁸. Em balanço do ano, a *Placar* mostrou otimismo e ponderação. Primeiro, afirmou que “há anos o Brasil não começa o ano da Copa do Mundo com tamanha tranquilidade. O técnico tem o respeito de torcedores e jogadores, o time está 80% definido”, mas restava uma grande questão: como juntar Careca, Bebeto e Romário no ataque³⁹. Sobre Lazaroni, a revista elogiou a “mexida no requentado quadro tático dos times brasileiros”, usado há anos pelos clubes europeus. Porém, ponderou que a euforia pelos resultados recentes, que atribuíram ao treinador que “revolucionou o futebol do país”, eram exageros típicos das comemorações pós-títulos⁴⁰.

A preparação nos primeiros meses de 1990

Como já mostrado, entre as Copas de 1986 e 1990, mais atletas brasileiros deixaram o país para jogar no futebol europeu, em especial nos campeonatos italiano e português. À época, não havia muitas opções para acompanhar futebol europeu na televisão brasileira⁴¹. Em 1990, por exemplo, apenas a *Tv Bandeirantes* transmitia o campeonato italiano, as *Tv Manchete* e *Tv Cultura* alguns jogos esporádicos de outros campeonatos europeus, em especial o português, e a *Tv Globo* as finais das ligas europeias. Era grande a dificuldade para observar de perto o desempenho dos jogadores brasileiros no exterior. Sem internet, o torcedor e o treinador da seleção viam apenas alguns gols mostrados em programas esportivos, as revistas e jornais estrangeiros impressos, que chegavam com certa defasagem e, claro, a imprensa brasileira.

Assim, a revista *Placar* resolveu “facilitar o trabalho do técnico brasileiro”⁴². A cada semana, a seção “Atenção, Lazaroni!”⁴³ foi publicada analisando a atuação dos brasileiros na rodada do final de semana. Ao longo de onze semanas, 19 jogadores brasileiros foram citados, em geral em pequenas notas, às vezes com textos de página inteira. A grande maioria dos

³⁸ 1x0 Itália; 0x0 Iugoslávia; 1x0 Holanda. Nestes jogos, o time base da seleção foi o mesmo da Copa América e Eliminatórias, apenas com testes de Mozer (O. Marseille), Ricardo Rocha (São Paulo) e André Cruz (Flamengo) na zaga e Alemão (Napoli) e Geovani (Bologna) no meio campo. No ataque, um teste para Muller (Torino) e alternância entre Careca (Napoli), Bebeto (Vasco) e Romário (PSV).

³⁹ Os três jogaram juntos na vitória contra o Japão (1x0) no único amistoso entre a Copa América e a Eliminatória, e na estreia desta (4x0) sobre a Venezuela. Bebeto atuou mais recuado, próximo a Valdo e Dunga no meio-campo, revezando com Valdo as caídas pela ponta.

⁴⁰ VITÓRIAS DA NOVA GERAÇÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021 de 05/01/1990, p. 8-9.

⁴¹ Para mais informações, Emmanuel do Valle assina na revista online Trivela o texto “Como o futebol internacional era transmitido no Brasil antes das TVs a cabo”, disponível em: <https://trivela.com.br/como-o-futebol-internacional-era-transmitido-para-o-brasil-antes-das-tvs-a-cabo/>

⁴² ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.024 de 26/01/1990, p. 7.

⁴³ Assinada pelos “correspondentes de *Placar* na Europa”: Eduardo Tessler na Itália, Marinho Neves em Portugal e Rogério Altman na França.

atletas manteve atuações de regular para boa na avaliação dos correspondentes⁴⁴. Se destacavam: a grande fase do meia Alemão (Napoli), o “melhor jogador brasileiro” do italiano; do ponta João Paulo (Bari), que fazia a imprensa local não entender sua ausência na lista de selecionáveis; do experiente meia Toninho Cerezo (Sampdoria), o “grande armador” da equipe, até sofrer uma lesão; e do lateral Branco (Porto), o “ala que Lazaroni pedia a Deus”. Em contrapartida, o meia Geovani (Bologna) recém contratado pela equipe italiana, vivia um mau momento e acabou o campeonato na reserva⁴⁵.

Nas temporadas europeias de 1988-89 e 1989-90, as equipes dos principais jogadores da seleção brasileira conquistaram importantes títulos com eles em campo. O Napoli foi vice em 1989 e campeão italiano em 1990, além do histórico título da Copa Uefa em 1989, no qual Careca foi decisivo nas partidas finais; a Sampdoria venceu a Copa da Itália em 1989, foi vice da Recopa da Europa no mesmo ano e conquistou o título da competição no seguinte; o Porto foi campeão português em 1990; o Benfica foi campeão português em 1989 e vice da Liga dos Campeões no ano seguinte com Valdo, Ricardo Gomes e Aldair em campo; o Olympique de Marseille foi bicampeão francês em 1990; O PSV foi vice campeão Mundial em 1988 e campeão holandês em 1989, com Romário artilheiro daquele ano e do seguinte.

Todo este levantamento é importante para problematizar a memória coletiva de que os jogadores e a seleção viviam péssima fase antes da Copa do Mundo. Se a seleção viveu altos e baixos até meados de 1989, desde a Copa América e até o início dos treinos para a Copa, o viés era de consolidação do trabalho de Lazaroni. Ao todo, foram 15 jogos com 10 vitórias, 5 empates, nenhuma derrota, 26 gols marcados e apenas 2 gols sofridos. Quanto aos jogadores, eles estavam em grandes clubes europeus, conquistando títulos e sendo destaque de suas equipes. Assim, parece justificável a boa expectativa de Juca Kfourri sobre a seleção em janeiro de 1990. Exagero a parte de quem edita uma revista de futebol que passava por dificuldade nas bancas, o editor da *Placar* escreveu que era justa a confiança em relação à seleção, “respaldada pelo trabalho sério e bem-feito de Sebastião Lazaroni” com “jogadores corretamente escolhidos”, em que “tudo aponta para o sucesso”. Juca escreveu acreditar no tetra, mas ponderou para a necessidade de “não se iludir com o favoritismo”, como nas Copas anteriores⁴⁶.

Os perrengues passados por Lazaroni e seu grupo de jogadores na Copa América serviram para o treinador praticamente fechar o grupo de atletas. Assim, em entrevista dada à *Placar* no começo de março, ele confirmou que

⁴⁴ Exemplos de Dunga, Muller, Careca, Silas, Valdo, Aldair, Ricardo Gomes e Mozer, todos que seriam convocados posteriormente por Sebastião Lazaroni. Dentre os que não entraram na lista do treinador para a Copa: Casagrande (Ascoli) vivia má fase e se contundiu; Amarildo (Lazio) vivia boa fase, mas também se contundiu; Evair (Atalanta) ainda não tinha se adaptado; e Júlio Cesar (Montpellier) sofria com a baixa qualidade dos seus companheiros.

⁴⁵ ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.024 de 26/01/1990, p. 7; ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.025 de 02/02/1990, p. 10; ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.027 de 16/02/1990, p. 11; ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990, p. 11 e ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.034 de 14/04/1990, p. 11.

⁴⁶ KFOURI, Juca. O Brasil cansou de ganhar antes. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.024 de 26/01/1990, p. 6.

no grupo de 22 jogadores restavam apenas 3 vagas a serem preenchidas. Lazaroni descartou as convocações dos experientes Cerezo e Junior (Flamengo), ambos em ótima fase em seus clubes. Disse que pretendia levar três goleiros, cinco zagueiros, quatro alas, seis meias e quatro atacantes. Ele previa que as alas e o meio seriam os setores de maior desgaste, por isso mais convocados. Assim, nas previsões da revista, os zagueiros Ricardo Rocha (São Paulo) e André Cruz (Flamengo) disputavam a última vaga entre os zagueiros, enquanto os meias Tita (Vasco) e Geovani (Bologna) a última vaga para o meio campo. Na única restante, a *Placar* especulou os nomes dos atacantes João Paulo (Bari) e Renato Gaúcho (Flamengo), do meia Jorginho (Portuguesa) e dos zagueiros Júlio César (Montpellier) e Aloísio (Barcelona). Para a revista, havia ainda os “sonhares”: Neto (Corinthians), Veloso e Mirandinha (Palmeiras), Cuca e Cristóvão (Grêmio), Luiz Carlos Winck (Vasco), Paulo Roberto (Botafogo) e os laterais Nelsinho e Zé Teodoro (São Paulo)⁴⁷. Interessante que, na edição seguinte, a revista entrevistou o meia Neto, que se achava injustiçado por não ser lembrado pelo treinador na seleção⁴⁸.

Início de março, domingo de clássico Vasco x Flamengo no Maracanã, geral lotada, gramado cheio de selecionáveis e cabines com a comissão técnica da seleção. Enquanto isso, na Holanda, o PSV venceu por 9 x 2 o Den Haag, porém, uma notícia “caiu como uma bomba” no estádio: Romário fraturou o tornozelo, saiu de campo carregado e o médico do clube estimava a recuperação entre seis e oito semanas. Em sua reportagem, a *Placar* classificou Romário como “insubstituível” e lembrou outros casos de contusões de brasileiros próximas às Copas⁴⁹. A ameaça de perder o titular do ataque foi o grande drama da seleção até a confirmação da convocação para a Copa. Romário deu entrevista para a *Placar*, quando negou estar displicente no tratamento e garantiu: “vou jogar e em condições de arrebentar”⁵⁰. Sem Romário, Lazaroni considerava Muller a melhor opção para fazer dupla com Careca no ataque, por conta de suas características e o entrosamento da época do São Paulo de 1986.

Sem dúvida, o grande tema tático colocado por Lazaroni à frente da seleção foi o uso do terceiro zagueiro como líbero, transformando os laterais em alas mais avançados. A *Placar* reportou que o sistema da seleção ia “ganhando seguidores” entre treinadores do Brasil, o que chamou de “modernização ainda que tardia”⁵¹. Em entrevista, o zagueiro Mauro Galvão,

⁴⁷ RODRIGUES, Jorge Luiz. Só restam 3 vagas. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990, p. 16-18.

⁴⁸ ENTREVISTA NETO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990, p. 12-13.

⁴⁹ INSUBSTITUÍVEL, A FRATURA DE ROMÁRIO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990, p. 12-13.

⁵⁰ VOU ARREBENTAR NA COPA, A PROMESSA DE ROMÁRIO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.035 de 20/04/1990, p. 26-27.

⁵¹ No Flamengo, Leandro “dá um show de eficiência”; no Botafogo Mauro Galvão atuava na função; no Fluminense era Alexandre Torres; no Internacional era o uruguaio Aguirregaray. O técnico Carlos Alberto Silva até havia encomendado livros da Itália para estudar implementá-lo no São Paulo. Jair Pereira, do Palmeiras, alertava para a necessidade de um atleta com “visão acima da média” para a função. A experiência de Carpegiani no Coritiba não vingou por falta de tempo para o treinamento. LIBEROU GERAL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990, p. 16-17.

líbero na seleção e no Botafogo, elogiou o sistema tático e se mostrou confiante em bem executá-lo na Copa⁵². O técnico sensação daquele momento no país era Wanderley Luxemburgo (Bragantino), também entrevistado pela revista. Ele ponderou que o sistema adotado por Lazaroni deixava a seleção sem criatividade, com pouco poder de roubar a bola no meio campo e sem variação tática caso precisasse correr atrás do resultado⁵³.

A seleção só realizou um amistoso antes da convocação para a Copa. No final de março foi à Wembley enfrentar o time principal da Inglaterra e perdeu (0x1) a invencibilidade de 16 jogos⁵⁴. O lateral Branco foi o grande destaque positivo, enquanto Bebeto e Careca tiveram atuações irreconhecíveis⁵⁵. Importante frisar que foi o último jogo de Bebeto, artilheiro da Era Lazaroni na seleção com 13 gols, como titular do time⁵⁶. Conforme a *Placar*, o resultado serviu para mostrar que ainda faltava “muito trabalho até a conquista do tetra”, em especial, na melhora do meio de campo da seleção, que a revista insistia ser o ponto fraco do time e onde os torcedores depositava menos confiança. A *Placar* deu como certo que o meia Alemão conquistaria uma vaga no time titular e apostou que o rifado seria o “ágil e criativo” Silas, que tinha nas finalizações o seu ponto fraco. Assim, a revista especulou que Lazaroni pensava em alternativas para o setor, que já estava conhecido e bem marcado pelos adversários: o meio-campo poderia jogar em formato 2-3 com Dunga e Alemão mais recuados, Jorginho e Valdo nas alas e Bebeto no meio avançado; com uma linha de 3-2, sendo Dunga e os alas Jorginho e Branco mais recuados, liberando os dois meias à frente, no caso Valdo e Alemão (esta seria a formação da Copa); ou ainda nesta mesma versão 3-2, mas com Valdo e Silas na frente, como vinha jogando a seleção desde a Copa América⁵⁷.

Na semana da convocação, a *Placar* publicou sua matéria mais crítica em relação ao trabalho de Sebastião Lazaroni. Com a manchete de “bateu desespero”, apontou um Lazaroni “atônito” ao constatar a falta de um meio-campista para completar a convocação. A aposta era no meia Tita (Vasco) “em péssima fase”. A *Placar* então apontou o que considerou “o verdadeiro problema: os métodos de observação de Lazaroni” que, apesar de dizer ter olheiros espalhados por todo o país, julgou suas convocações por manchetes de jornais; e a “constante predileção por jogadores que atuam no Rio de Janeiro”. Também criticou a falta de critério do treinador que justificou a não convocação de Casagrande (Ascoli-Ita) pela sua má fase, as ausências de Raí e Bobô (São Paulo) pela má fase do time no paulista e a troca de Cristóvão do

⁵² ENTREVISTA, MAURO GALVÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990, p. 10-11.

⁵³ ENTREVISTA, WANDERLEY LUXEMBURGO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.032 de 30/03/1990, p. 10-11.

⁵⁴ Em sua reportagem a *Placar* fala em invencibilidade de 14 jogos, mas, na realidade, o time de Lazaroni não perdia desde a derrota (0x1) para a Suíça em 21/06/1989. O primeiro jogo da série histórica foi o 0x0 com o Milan na Itália.

⁵⁵ O Brasil jogou com: Taffarel; Mozer, depois Aldair, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Silas, depois Alemão, Valdo e Branco; Bebeto, depois Muller e Careca.

⁵⁶ EFEITOS DE WEMBLEY. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.033 de 06/04/1990, p. 14-15.

⁵⁷ UM TITULAR VAI DANÇAR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990, p. 14-15.

Grêmio pelo Guarani, mas insistia em Tita, também em má fase no vencedor Vasco da Gama⁵⁸.

Convocação, Teresópolis, amistosos e o embarque para a Itália

A seleção foi convocada, sem surpresas, em 16 de abril⁵⁹, com apresentação no dia 23 para exames médicos e início dos treinos na Granja Comary, o centro de treinamentos da CBF em Teresópolis, Rio de Janeiro. Nos primeiros dias, porém, Lazaroni chegou a contar com apenas 6 atletas na concentração. Os “estrangeiros” ainda disputavam as finais dos campeonatos nacionais e continentais na Europa, enquanto os jogadores dos clubes cariocas ainda tinham jogos pelo estadual. Ou seja, até se apresentaram, fizeram exames médicos e físicos, mas retornaram aos seus clubes. Os atletas do Vasco foram dispensados para jogos da Taça Libertadores, mas também para a derrota diante do Bangu pelo estadual. Careca e Alemão retornaram ao Napoli para a última rodada e conquista do título italiano. Dunga voltou à Fiorentina para as duas partidas finais da Copa da UEFA, perdidas para a Juventus. Aldair, Valdo e Ricardo Gomes disputaram e perderam a final da Liga dos Campeões em 23 de maio contra o Milan, às vésperas da Copa do Mundo.

A *Placar* repercutiu estas dificuldades. Lazaroni foi direto: “como pode um simples Campeonato Estadual valer mais que o trabalho para a Copa do Mundo?”, crítica reforçada pela revista em campanha contra a “mentalidade que valoriza os estaduais”⁶⁰. O treinador foi só reclamação contra a CBF na primeira semana de trabalho. Em sua coluna, Juca Kfourri mais uma vez criticou a bagunça causadas pelos dirigentes brasileiros, a “estrutura arcaica” que “não permite haver seleção permanente”, pois os presidentes de Federações mandam e empobrecem os clubes e o futebol do país. Juca então concluiu: “seria ótimo se o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, se convencesse de que seu maior desafio não é o tetra, mas sim, fazer um

⁵⁸ BATEU DESESPERO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.034 de 13/04/1990, p. 14.

⁵⁹ Os 22 atletas convocados foram: Goleiros: Taffarel (Internacional), Acácio (Vasco) e Zé Carlos (Flamengo). Laterais: Jorginho (B. Leverkusen), Branco (Porto) e Mazinho (Vasco). Zagueiros: Ricardo Gomes (Benfica), Mauro Galvão (Botafogo), Mozer (O. Marseille), Aldair (Benfica) e Ricardo Rocha (São Paulo). Meias: Bismarck (Vasco), Valdo (Benfica), Silas (Sporting), Tita (Vasco), Alemão (Napoli) e Dunga (Fiorentina). Atacantes: Careca (Napoli), Bebeto (Vasco), Muller (Torino), Romário (PSV) e Renato Gaúcho (Flamengo). Como se vê, Lazaroni optou por convocar apenas 3 laterais/alas, porque Mazinho poderia ser utilizado dos dois lados. Havia apenas um volante de origem, pois Alemão jogava tanto como volante quanto na meia. Mesmo contundido, Romário foi confirmado na lista, mas o técnico convocou mais um atacante que o previsto, Renato Gaúcho, que pegou a vaga que teoricamente seria de outro lateral/ala. Os favoritos da *Placar* foram confirmados e não houve surpresas. Na lista de 1990 havia apenas 07 remanescentes da disputa em 1986: Muller, Careca, Alemão, Mauro Galvão, Branco, Silas e Valdo.

⁶⁰ A revista já havia entrevistado Jorge Salgado, novo Diretor de Futebol da CBF que defendeu o fim dos campeonatos estaduais. ENTREVISTA JORGE SALGADO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990, p. 14-15.

verdadeiro Campeonato Brasileiro”, que diminua o espaço dos estaduais no calendário nacional⁶¹.

Neste período de preparação, a *Placar* produziu reportagens destacando alguns jogadores. O “polêmico” e “irrequieto” atacante Muller foi entrevistado. Ele comemorou a boa fase no futebol italiano e se dizia pronto para ser o substituto de Romário no ataque da seleção. O goleiro Taffarel elogiou a adoção do líbero que deixou a defesa mais sólida. O capitão Ricardo Gomes, apesar das críticas da torcida paulista que preferia o xará Rocha, possuía a confiança de Lazaroni e do grupo de jogadores. Mais uma vez, a *Placar* destacou Alemão como “craque de última geração” com “estilo moderno e incansável”, que em campo “parece multiplicar-se”, o “melhor exemplo da nova mentalidade” que Lazaroni esperava para a seleção⁶².

A seleção realizou dois amistosos no Brasil na primeira quinzena de março. No primeiro, contra a Bulgária do jovem Stoichkov, vitória de 2x1⁶³. Muller abriu o marcador, mas o gol da vitória veio apenas no final da partida, com Aldair. A *Placar* foi bastante crítica em sua avaliação: a defesa marcou mal, os alas estavam mais preocupados com a falta de cobertura, o meio-campo não apareceu e os atacantes ficaram isolados. Assim, o amistoso mostrou as “deficiências perfeitamente sanáveis”, em especial no meio-campo, onde Silas perdia a vaga para Alemão. Elogios para a dupla Muller e Careca, a ideal na ausência de Romário. Para Juca Kfourri, era evidente que Dunga fazia muita falta ao time e Alemão deveria mesmo tomar a vaga de Silas. Para ele, faltava criatividade à seleção e os adversários já sabiam como neutralizá-la. Restava torcer, uma vez que o sistema já estava definido há meses e não havia mais tempo para mudá-lo⁶⁴.

Na semana seguinte, um amistoso com a fraca Alemanha Oriental no Maracanã marcou a despedida da seleção e Lazaroni aproveitou para fazer algumas experimentações no time⁶⁵. A seleção abriu fáceis 3x1, gols de Alemão, Careca e Dunga, mas em grandes falhas da defesa, permitiu o empate no último lance da partida (3x3)⁶⁶. A *Placar* subiu o tom das críticas na manchete: “Chega: o Brasil exige seriedade”. A revista apontou ainda que a seleção cometeu “erros infantis na defesa” e a equipe apresentou “falhas que poderão ser fatais no Mundial”. A matéria reconheceu que Lazaroni trabalhava

⁶¹ LAZARONI mais tranquilo. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.036 de 27/04/1990, p. 11 e CHOQUE com a realidade. Revista *Placar*, São Paulo: Abril, edição 1.037 de 04/05/1990, p. 16-17.

⁶² ENTREVISTA MULLER. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.037 de 04/05/1990, p. 14-15; RODRIGUES, Jorge Luiz. O capitão do Laza. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990, p. 12-13; CRAQUE DE ÚLTIMA GERAÇÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990, p. 12-13 e ENTREVISTA TAFFAREL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 6-7.

⁶³ Os melhores momentos da partida com narração de Luciano do Valle estão disponíveis no YouTube em: “Amistoso 1990 – Brasil 2x1 Bulgária”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=j4msev4dr3Y>

⁶⁴ O CAMINHO É LONGO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990, p. 8-11.

⁶⁵ O Brasil jogou com: Taffarel; Aldair, Mozer e Ricardo Gomes (Mauro Galvão); Jorginho, Dunga, Alemão (Bismarck), Valdo (Silas) e Branco (Mazinho); Muller (Bebeto) e Careca.

⁶⁶ Os gols da partida estão disponíveis no YouTube em: “Brasil 3 x 3 Alemanha Oriental – Amistoso 1990”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=eXH9T-jAGQM>

no aperfeiçoamento do sistema com líbero, treinou variações táticas, triangulações, subidas dos alas, mas o resultado foi o “fracasso total”, levando 4 gols de adversários fracos. No jogo contra os alemães, o time entrou de “salto alto”, exagerou nos passes laterais, foi lento nos contra-ataques. Mozer decepcionou e praticamente deu “adeus à vaga de líbero”. O grande problema foi a defesa, que não esteve protegida aos contra-ataques adversários e falhou ao se posicionar mais adiantada quando o Brasil tinha a bola no ataque e nos cruzamentos. Juca Kfourri reforçou a preocupação com a linha de defesa⁶⁷.

Preocupada, a *Placar* usou seu espaço de entrevistas para colher a opinião de três destaques do futebol brasileiro nas duas Copas anteriores. Ainda em atividade, o meia Júnior não disfarçou a mágoa por não ter tido oportunidades com o amigo Lazaroni, que, segundo ele, havia lhe dito que o chamaria e, por isso, o jogador criticou os critérios de convocação. Já o então comentarista da *Tv Manchete*, Paulo Roberto Falcão, foi aos aspectos táticos da equipe. Para ele, havia dois grandes problemas: o posicionamento do líbero estava errado, muito recuado, quase trombando com o goleiro; e a seleção era muito previsível, faltando um elemento surpresa, jogadas mais agudas que deixassem os atacantes menos isolados. O técnico Telê Santana mostrou preocupação com a gestão de um grupo de jogadores em que todos se consideravam titulares, o que gerava intranquilidade no elenco e para Lazaroni⁶⁸.

Na última edição de maio, a *Placar* deu capa para o tornozelo de Romário, ainda bastante inchado. Em reportagem, a revista repercutiu os avanços no tratamento e a confiança de Romário e seu fisioterapeuta particular, Nilton Petroni. A seleção já estava na Itália, Romário apenas corria em volta dos campos de treino e ainda havia a possibilidade de corte do atacante na lista definitiva de inscritos. Caso isso ocorresse, o favorito a substituí-lo era o atacante Edivaldo (São Paulo). A comissão técnica e médica do Brasil admitia que era impossível testar o atleta em coletivos, pois ele ainda não estava pronto e sua previsão de retorno era mesmo apenas para a 3ª rodada da primeira fase. Lazaroni estava disposto a arriscar⁶⁹.

Antes de chegar à Itália para a fase final de preparação, o Brasil fez escala em Madrid, onde enfrentou um selecionado de jogadores locais que não disputariam a Copa pela Espanha. O amistoso foi fraco, os jogadores brasileiros se pouparam e o Brasil venceu (1x0), gol de Branco⁷⁰. A *Placar* elogiou a volta de Mauro Galvão como líbero: “ao torcedor brasileiro só resta esperar que o treinador, como na emocionante arrancada na Copa América de

⁶⁷ CHEGA, O BRASIL EXIGE SERIEDADE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990, p. 8-11.

⁶⁸ ENTREVISTA JÚNIOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990, p. 6-7; ENTREVISTA, FALCÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990, p. 6-7 e ENTREVISTA, TELÊ. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990, p. 6-7.

⁶⁹ UM PASSO À FRENTE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990, p. 1, 8-10.

⁷⁰ O Brasil jogou com: Taffarel; Ricardo Rocha, Mauro Galvão e Mozer; Jorginho (Mazinho), Dunga (Tita), Alemão, Silas (Bismarck) e Branco; Muller (Renato Gaúcho) e Careca (Bebeto). Os jogadores Aldair, Ricardo Gomes e Valdo não estavam a disposição da seleção porque disputaram a final da Liga dos Campeões pelo Benfica, onde foram derrotados (0x1) pelo Milan.

1989, tome a melhor decisão” na definição do time e rumo ao tão esperado tetra campeonato⁷¹.

O Brasil estreia desacreditado, ganha, empolga, mas falha diante da Argentina

Na Itália, a delegação brasileira ficou concentrada em Asti, próxima a Turim, onde jogaria toda a primeira fase. Antes, porém, a primeira parada foi em Gubbio, na região da Úmbria, onde realizou um jogo-treino⁷² contra um combinado local formado por jogadores da terceira e quarta divisão do cálculo italiano. Derrota (0x1). Para a *Placar*, foi uma “vexatória derrota” e a seleção “perde o rumo” às vésperas do Mundial. O time titular seria o mesmo da estreia, mas a revista cobrou que Lazaroni fizesse os devidos treinos táticos para “acertar a movimentação do conjunto: estimular a chegada à área inimiga no menor número possível de toques: aumentar as combinações e ultrapassagens pelo meios; e explorar as viradas de jogo”, evitando a grande dependência das jogadas pelos alas, que foram bem bloqueados pelo fraco time adversário⁷³.

A revista insistiu que a grande dificuldade do time era fazer a bola chegar rapidamente ao ataque, por isso especulou as entradas de Bebeto e Romário, auxiliados por Silas ou Bismarck no meio. Quando chegava ao ataque, até 7 homens rondavam a área adversária, fazendo Dunga e Alemão revezarem-se na cobertura. A única boa notícia do amistoso foi a entrada de Romário no final da partida, que sentiu a falta de ritmo e pouco se movimentou, mas deixou Lazaroni animado para contar com ele. A *Placar* inclusive propôs um prêmio “Nobel de Fisioterapia” para Nilton Petrone, que conseguiu recuperá-lo. Em sua coluna, Juca Kfourri não poupou críticas: “É isso que se chama futebol moderno? Se for, a seleção terá que voltar no tempo”, muito por conta da perda de “sua capacidade de surpreender”. O time era muito dependente do sistema tático, Taffarel estava desatento, havia inúmeros erros de posicionamento na defesa, Jorginho em má fase, o meio-campo carecendo de um lançador e o esforçado Valdo sem espaço⁷⁴.

A sequência de resultados ruins no ano da Copa acabou com a euforia vista no final de 1989. O torcedor deixou de confiar na seleção e ficou dividido. Foi o que mostrou uma pesquisa, feita ainda antes desta derrota na Úmbria, e publicada pela *Placar*. Para 51,3%, o Brasil não venceria a Copa, enquanto outros 48,6% acreditavam no tetra. Os mais confiantes estavam no Rio de Janeiro (58,1% sim), estado onde atuavam 8 dos convocados. O torcedor mais

⁷¹ UM PASSO À FRENTE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990, p. 10.

⁷² O Brasil jogou com: Taffarel; Mozer, Mauro Galvão e Ricardo Gomes (Ricardo Rocha); Jorginho, Dunga (Silas), Alemão, Valdo (Bismarck) e Branco (Mazinho); Muller (Bebeto) e Careca (Romário).

⁷³ RODRIGUES, Jorge Luiz. Dez dias entre a agonia e a glória. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 8-11.

⁷⁴ RODRIGUES, Jorge Luiz. Dez dias entre a agonia e a glória. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 8-11.

cético era de Belo Horizonte (71,7% não), estado sem nenhum convocado⁷⁵. Em sua reportagem, a *Placar* abriu aspas para vários populares e chamou atenção para a irritação com a convocação feita por Lazaroni. Um comerciante mineiro expressou: “Empresários e dirigentes, especialmente do Vasco, pagaram para Lazaroni escalar esta equipe”. Um funcionário público carioca reclamou do “time cheio de jogadores mascarados e técnico inventor”⁷⁶.

Como já era tradição, a *Placar* publicou seu detalhado Guia da Copa. Em editorial, Juca apontou os favoritos na visão da revista: Itália, Holanda, Alemanha e Brasil. Além deles, um grupo intermediário com Argentina, Uruguai, União Soviética e Inglaterra tinham boas chances e havia expectativas positivas sobre a participação de Iugoslávia, Suécia, Espanha e Bélgica. Sobre nossos adversários da primeira fase: a Suécia foi apontada como a mais qualificada e confiante em chegar às fases finais; a Escócia, em sua quinta Copa seguida, tinha o objetivo mais modesto de passar da primeira fase; já a estreante Costa Rica seria apenas figurante, apesar de contar com técnico experiente. Sobre a Argentina, atual campeã do Mundo, a *Placar* publicou que assim como em 1986, a Seleção estava “numa fase difícil e depende de Maradona para repetir a última conquista”⁷⁷.

Sobre o Brasil, a *Placar* argumentou que o país estava cansado de “jogar bonito e não ganhar” e, por isso, a seleção “se moderniza na era Lazaroni para chegar ao título”. Por modernizar, a revista se refere à seleção “mais europeia”, apostando na velocidade, aplicação tática, sem as “firulas e os dribles inúteis”, uso do líbero, alas e dois atacantes, o que “há muito se pratica na Europa”. As críticas iniciais à Lazaroni foram respondidas com os resultados da Copa América de 1989, que serviram para unir o grupo em torno do treinador. Porém, havia a falta de um jogador criativo no meio-campo, a incógnita sobre Romário, a aposta em Careca, o único craque do elenco e a ainda preocupação acerca da adaptação dos zagueiros ao sistema com líbero. Por isso, a *Placar* apontou que a marcação no meio campo, com a “ocupação total dos espaços” é que definiria a sorte da seleção ao longo da Copa⁷⁸.

O técnico Lazaroni deu entrevista para a revista: previu que seria a Copa da marcação e da aplicação tática; prometeu uma seleção mais competitiva, de “futebol moderno”, na qual “jogar bonito pouco importa”, mas era importante a “aplicação tática”; por isso, admitiu que “se for preciso, jogaremos feio para ganhar”. Ele admitiu que a seleção ainda não estava do jeito que queria, que os alas estavam sendo bloqueados pelos adversários e que era necessário ter mais movimentação, aproximação, ultrapassagens e

⁷⁵ Onde atuavam os jogadores convocados: Rio de Janeiro (8); São Paulo (1), Rio Grande do Sul (1), Alemanha (1), Itália (4), Portugal (5), França (1) e Holanda (1). Ao todo, foram 10 do futebol brasileiro e 12 do exterior. Esta foi a primeira Copa onde a maioria dos atletas convocados jogavam na Europa.

⁷⁶ A seleção divide o país. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 26-28.

⁷⁷ KFOURI, Juca. Editorial. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990, p. 3; SEM MEDO NEM MODÉSTIA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A 14-15; A LUTA PARA VENCER O TABU. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A, p. 16-17; O PARAÍSO ESTÁ LONGE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A, p.18 e NA ESPERA DO MESMO RAI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A, p. 26-27.

⁷⁸ A ARTE DO FUTEBOL TOTAL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990, p. 6-9.

lançamentos, mas garantiu que os treinos finais estavam servindo para corrigir estas deficiências. E finalizou: “O Brasil é favorito porque acredito naquilo que realizo”⁷⁹.

Com a presença do presidente Fernando Collor nos camarotes do estádio em Turim, o Brasil estreou⁸⁰ com vitória (2x1) sobre a Suécia. Muller e Careca, autor dos dois gols, foram os grandes destaques do time brasileiro, que ainda sofreu no finalzinho⁸¹. Apesar da capa ufanista exaltando a lambada brasileira, na reportagem, a *Placar* avaliou que o time brasileiro “deixou a desejar”, em especial no meio-campo com muitos erros de passe, poucos rebotes conquistados, Mozer mal, poucas ultrapassagens entre o meio e ataque e pontaria descalibrada. Os pontos positivos foram a grande quantidade de desarmes; as elogiadas atuações de Taffarel; o irrepreensível Ricardo Gomes; Branco, o “melhor em campo”; Muller que, com movimentação e velocidade, enlouqueceu a defesa adversária; e, claro, o goleador Careca⁸², que vinha mal nos treinos, mas “na hora H” arrebentou⁸³.

Problemas deveriam ser corrigidos até o jogo seguinte. A equipe relaxou após o segundo gol. Não estava adaptada a bola do torneio, “mais leve e plastificada”. Ricardo Rocha e Bebeto não se conformavam com a reserva⁸⁴. Em sua coluna, Kfourri reforçou as preocupações e elogios da matéria, em especial o fato de que “quase enfiamos uma goleada na Suécia”, com muitas chances evidentes de gol perdidos. Ele lembrou o torcedor de que não adianta mais querer ver a seleção brasileira “com os olhos de antigamente” e a nova realidade era essa, goste-se ou não, uma equipe lenta no passe, efetiva nos desarmes e jogando no contra-ataque⁸⁵. Em sua coluna, Juca ainda ironizou a derrota argentina para Camarões (0x1) na estreia: “o que veio fazer, na Itália, a Argentina?”⁸⁶.

O ala Branco foi capa da edição que comemorou a vitória (1x0)⁸⁷ sobre a Costa Rica na segunda partida da Copa, gol de Muller. A expectativa era de uma sonora goleada⁸⁸. De fato, o time brasileiro dominou o jogo, Taffarel só

⁷⁹ ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990, p. 10-11.

⁸⁰ O Brasil jogou com: Taffarel; Mozer, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo (Silas) e Branco; Muller e Careca.

⁸¹ Melhores momentos disponíveis no YouTube em “Brasil 2x1 Suécia – Copa do mundo 1990 – Fifa World Cup”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=SvQnLhJJsDw>

⁸² As notas de *Placar*: Taffarel (8,0); Mozer (5,0), Mauro Galvão (7,0) e Ricardo Gomes (7,0); Jorginho (5,0), Dunga (6,0), Alemão (6,0), Valdo (5,0) e Branco (8,0); Muller (6,0) e Careca (9,0). Na média, a seleção teve nota 6,5.

⁸³ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. A seleção entra no ritmo. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 1, 8-12.

⁸⁴ KFOURI, Juca. Os olhos vêm e o coração sente. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1043 de 15/06/1990, p. 11.

⁸⁵ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. A seleção entra no ritmo. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 1, 8-12.

⁸⁶ KFOURI, Juca. Agora, nós é que somos a Itália. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 10.

⁸⁷ O Brasil jogou com: Taffarel; Mozer, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo (Silas) e Branco; Muller e Careca (Bebeto).

⁸⁸ As notas de *Placar*: Taffarel (6,0); Mozer (6,0), Mauro Galvão (7,0) e Ricardo Gomes (7,0); Jorginho (5,0), Dunga (7,0), Alemão (6,0), Valdo (6,0) e Branco (7,0); Muller (5,0) e Careca (4,0). Na média, a seleção teve nota 6,0.

assistiu à partida que teve mais de uma dezena de chances óbvias para o Brasil e bolas na trave, mas que, ao fim, consagrou o goleiro costarriquenho Conejo⁸⁹. A reportagem enfatizou a fragilidade do valente adversário, mas apontou a irritação e falta de concentração que o jogo fácil gerou no time brasileiro. O meia Dunga, símbolo daquela Era, se orgulhou da atuação do time: “É incrível como muita gente ainda não viu que o barato desse time é não deixar a bola chegar ao nosso gol. E não é só contra a Costa Rica, não. Na Copa América, a Argentina de Maradona, também não chegou nenhuma vez”⁹⁰.

Fato é que as duas vitórias deixaram o Brasil já classificado para a última rodada da primeira fase. A *Placar* então repercutiu as polêmicas: Romário poderia ser aproveitado e finalmente a seleção jogaria com três atacantes; Careca reclamou de ter ficado isolado no ataque e endossou o time com três atacantes; os jogadores pendurados poderiam dar lugar a Mazinho e Ricardo Rocha; Bebeto não gostou de jogar apenas 7 minutos e exigia um lugar no time, afinal, era o artilheiro da Era Lazaroni; Renato Gaúcho também não disfarçava a irritação por ser reserva. Em sua coluna, Juca admitiu as diversas chances de gol perdidas e que “se fosse 10x0, ninguém estaria criticando”, mas lembrou que, para gozo de Lazaroni, seria assim até o fim da Copa, uma seleção burocrática, monótona, sem lances espetaculares, da qual para muitos comentaristas, “as oitavas-de-final são o limite”⁹¹.

O último jogo da primeira fase não contou com reportagem exclusiva de *Placar* por conta da periodicidade semanal da revista. O Brasil venceu a Escócia (1x0) com gol de Muller apenas no final da partida⁹². Lazaroni escalou Romário, mas o baixinho mostrou a falta de ritmo e mobilidade, perdeu um gol de cara com o goleiro e foi substituído logo no início da segunda etapa. Também Ricardo Rocha entrou no lugar do suspenso Mozer⁹³. No último lance da partida, Taffarel ainda salvou um gol escocês⁹⁴.

A Copa de 1990 foi a segunda edição com 24 seleções divididas em 6 grupos. Para as oitavas de final, além dos 2 primeiros de cada grupo, avançavam também os 4 melhores terceiros colocados. Pela tabela, o Brasil, vencedor do Grupo C, enfrentaria o melhor 3º dentre os dos grupos A/B/F. Para surpresa geral, a Argentina, então campeã da Copa anterior, disputou uma péssima primeira fase no Grupo B, se classificando apenas em terceiro lugar com 3 pontos⁹⁵. O terceiro do Grupo A foi a Áustria com apenas 2 pontos.

⁸⁹ Melhores momentos disponíveis no YouTube em “Brasil 1x0 Costa Rica – Copa do Mundo 1990 – Fifa World Cup”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=tVcWBFA1fDE>

⁹⁰ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. Brilha, seleção. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990, p. 1, 6-11.

⁹¹ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. Brilha, seleção. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990, p. 6-11.

⁹² O Brasil jogou com: Taffarel; Ricardo Rocha, Mauro Galvão e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo e Branco; Romário (Muller) e Careca.

⁹³ As notas de *Placar*: Taffarel (8,0); Ricardo Rocha (8,0), Mauro Galvão (6,0) e Ricardo Gomes (7,0); Jorginho (6,0), Dunga (6,0), Alemão (7,0), Valdo (5,0) e Branco (s/n); Romário (6,0), depois Muller (7,0) e Careca (5,0). Na média a nota da seleção foi 6,4.

⁹⁴ Melhores momentos disponíveis no YouTube em “Brasil 1x0 Escócia – Copa do mundo 1990 – Fifa World Cup”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=Jp7hyeVkWXs>

⁹⁵ À época, uma vitória valia 2 pontos e o empate 1 ponto.

No grupo F, a terceira colocada foi a também decepcionante Holanda, que somou 3 pontos, mas sem nenhuma vitória.

Assim, o Brasil enfrentou a rival Argentina nas oitavas de final. O time argentino estava muito contestado e dependente de um Maradona com tornozelo inchado. Em Turim, o Brasil fez a sua melhor partida na Copa, muitas chances de gol criadas e desperdiçadas⁹⁶, bolas na trave, mas em um lance de gênio de Maradona, somada as falhas de marcação dos volantes e de posicionamento dos três zagueiros, avançou no meio campo e deixou Caniggia de cara com Taffarel. Gol da Argentina. Lazaroni abandonou o 3-5-2, mudando radicalmente o sistema nos minutos finais. Sacou o líbero Mauro Galvão e colocou Renato Gaúcho, tirou o meia/volante Alemão para a entrada do criativo meia Silas⁹⁷. O Brasil formou então um 4-3-3 bastante ofensivo, com apenas um volante, fazendo jus ao histórico do futebol brasileiro. Ainda teve tempo para Ricardo Gomes ser expulso, Taffarel fazer boas defesas e Muller perder um gol no último minuto⁹⁸. Brasil eliminado (0x1) em sua pior participação em Copas do Mundo⁹⁹.

A *Placar* foi irônica e afirmativa na capa: “Era Maradona: a Argentina enterra a Era Dunga”. Na chamada da reportagem, a indireta sobre o que faltou ao time brasileiro: “o sistema de Lazaroni, que privilegiou a disciplina tática, não resistiu ao primeiro encontro com o talento”. A matéria foi torturante ao detalhar o lance em que Maradona enfileirou os brasileiros e as chances perdidas pelo ataque canarinho. Foi dura ao apontar o choro de Dunga “como um menino desamparado”, Muller o “displicente e arredo” que não possuía “gana de vencedor”. Arrasado mesmo com a derrota, só Careca. A revista reconheceu que, no jogo, o Brasil bateu recorde de desarmes e errou pouquíssimos passes, mas foi desarmada também em grande proporção e errou nas finalizações¹⁰⁰.

A revista também reportou como foi a “noite dos derrotados” no hotel. A maioria dos jogadores, em “carros alugados desciam a ladeira em alta velocidade”, com esposas e familiares a jantar pela cidade, sem contato com a imprensa. Apenas Ricardo Gomes e Bismarck permaneceram reclusos. O zagueiro, inclusive, “chorou a noite toda”, segundo a revista. Havia também reclamações dos atletas que foram pouco aproveitados por Lazaroni. Renato Gaúcho soltou o verbo: “a derrota foi um belo castigo para um técnico retranqueiro”¹⁰¹. Em sua coluna, Kfourri reconheceu que o Brasil fez sua

⁹⁶ Melhores momentos disponíveis no YouTube em: “Brasil 0x1 Argentina – Copa do mundo 1990 – Fifa World Cup”. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=W6hjhyVXOGA>

⁹⁷ O Brasil jogou com: Taffarel; Ricardo Rocha, Mauro Galvão (Renato Gaúcho) e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão (Silas), Valdo e Branco; Muller e Careca.

⁹⁸ As notas de *Placar*: Taffarel (8,0); Ricardo Rocha (8,0), Mauro Galvão (7,0) e Ricardo Gomes (6,0); Jorginho (7,0), Dunga (7,0), Alemão (6,0), Valdo (7,0) e Branco (5,0); Muller (3,0) e Careca (6,0). Na média nota 6,3.

⁹⁹ À exceção de 1934 quando foi eliminado na primeira rodada, mas eram outros tempos e outro formato de competição.

¹⁰⁰ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. Era Maradona. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 1, 4-9.

¹⁰¹ KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. O choro de alguns, a gargalhada de outros. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 7-8.

melhor partida, mas o sistema pragmático de Lazaroni não foi capaz de parar a genialidade de Maradona¹⁰².

Importante mencionar ainda que, nestas três edições, a *Placar* publicou “O diário de Dunga”, no qual o meia símbolo da Era Lazaroni escrevia sua visão sobre os treinamentos, bastidores, partidas e principalmente, rebatia críticas da imprensa à seleção. Ele não escondeu o deslumbramento com a visita da delegação à fábrica da Fiat e o teste na Ferrari Testarossa; fez reflexões sobre o “futebol moderno”; garantiu que o grupo de atletas era bastante unido; se disse convencido de que “o importante é ganhar” e que “o futebol exibicionista acabou”; não soube dizer “onde erramos”, mas apostou na “falta de sorte”¹⁰³.

Por que perdemos? A *Placar* discute os motivos para o fracasso e a escolha do novo treinador

Já nas edições publicadas durante os jogos da Copa, o espaço de entrevistas da *Placar* foi usado para discutir a seleção de Lazaroni. O jogador Casagrande, “com autoridade de quem joga na Europa há quatro anos”, apontou o contrassenso do Brasil jogar com líbero e marcação por zona. O comentarista Armando Nogueira via a carência de um jogador regente no meio-campo e pedia o ataque com Bebeto titular, afinal, o atacante foi escolhido pela imprensa o “craque do ano de 1989” em votação colhida pela *Placar*¹⁰⁴. Perdida a Copa, o então comentarista Pelé enfatizou a lentidão na saída de bola da seleção. O pouco aproveitado Renato Gaúcho, falou sem papas na língua sobre todas as polêmicas de bastidores. Sobre o campo de jogo, claro, culpou o sistema de Lazaroni com 3 zagueiros e apenas 2 atacantes. O meia Toninho Cerezo, em grande fase no futebol italiano, realçou a falta de tempo que os jogadores tiveram para assimilar o sistema de jogo com líbero¹⁰⁵.

Como se vê, todas as explicações sobre o fracasso dentro de campo, passam pelo mesmo tema: o sistema tático com líbero. Escrevendo à época, o colunista Ruy Ostermann (1992), do jornal *Zero Hora*, reconhecia que a escolha de Lazaroni atualizava o Brasil a um sistema já antigo na Europa e Argentina. Porém, temia que a falta da cultura e tradição do líbero no futebol brasileiro levasse a movimentações equivocadas dos jogadores durante a partida, afinal, “no futebol, que é um jogo coletivo, é preciso ter uma base

¹⁰² KFOURI, Juca. A ironia de uma derrota injusta. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 8.

¹⁰³ O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 13; O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990, p. 13 e O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 11.

¹⁰⁴ ASTRO NOVO, VELHO MITO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990, p. 12-14.

¹⁰⁵ ENTREVISTA CASAGRANDE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 6-7; ENTREVISTA ARMANDO NOGUEIRA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990, p. 20-21; ENTREVISTA PELÉ. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 12-13; ENTREVISTA RENATO GAÚCHO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990, p. 22-23 e ENTREVISTA TONINHO CEREZO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.047 de 13/07/1990, p. 22-23.

cultural para implantar modificações” (OSTERMANN, 1992, p. 120). Além disso, para ele, aquela geração carecia de um craque no meio-campo, espaço essencial para o bom desenrolar do jogo e o meia Valdo acabava sacrificado pelo sistema de Lazaroni, uma vez que o meia não era acostumado a jogar centralizado.

Em livro recente, Paulo Vinícius Coelho (2018) analisou o sistema tático usado por Lazaroni. Enquanto na Europa o sistema com 3 zagueiros era usado para tornar o time mais ofensivo, Lazaroni o utilizou para se proteger defensivamente. Na prática, o Brasil jogou com 3 zagueiros e dois volantes (Dunga e Alemão), deixando a criação para os alas (que mais agiam como laterais, fazendo o sistema se aproximar de um 5-3-2) e para o meia Valdo que, quando despontou no Grêmio, atuava mais como um “falso ponta” do que como meia armador. Assim, a seleção possuía fraca transição ofensiva, deixando os atacantes isolados. Por isso ele afirma que “jogar com três zagueiros não era escola brasileira” (2018, p. 176-177).

Fora de campo, porém, também houve vários problemas desde a fase de preparação ainda em Teresópolis. A *Placar* estampou, após a eliminação, a principal lição da derrota na Itália: “Sem sacrifício não dá” e elencou a grande quantidade e facilidade com que empresários e familiares frequentaram o hotel da seleção e tiraram a tranquilidade dos atletas. Apenas o capitão Ricardo Gomes é que não levou a família para Asti, enquanto Muller passeava de Ferrari com os irmãos e a esposa de Taffarel escancarava para a imprensa as brigas no grupo de jogadores pela divisão da premiação em caso de conquista¹⁰⁶.

Em sua coluna, Juca Kfourri clamou pela necessidade de “repensar o nosso futebol”. Ele argumentou que, desde o fim da era Pelé, o futebol brasileiro permanecia incapaz de se modernizar, enquanto Europa e Argentina progrediam na revisão dos calendários e principalmente na profissionalização dos cartolas que por aqui permaneciam paternalistas e culpados por submeter a camisa da seleção aos “mais mimados espécimes de jogador”, incapazes de assimilar a necessidade do profissionalismo, mantendo atitudes arrogantes e de empáfia. Juca então sugeria a aprovação de lei que permitisse aos clubes virarem empresas, medida que, na visão dele, faria o futebol brasileiro ingressar na nova Era Capitalista do esporte de competição¹⁰⁷.

Ao longo de todo este período, a *Placar* focou a sua seção “Bastidores” apenas na seleção brasileira. Ao observar as dezenas de pequenas notas, verifica-se a desenvoltura com que empresários acessavam jogadores na concentração e prometiam ou negociavam transferências milionárias para o futebol europeu e patrocínios de marcas esportivas. Houve especulações e declarações esperançosas de grandes contratos por praticamente todos os atletas do elenco. Lazaroni não negava que tinha contrato já assinado para assumir a Fiorentina após a Copa¹⁰⁸. Além disso, o técnico Lazaroni era garoto

¹⁰⁶ RODRIGUES, Jorge Luiz. Sem sacrifício não dá. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990, p. 26.

¹⁰⁷ KFOURI, Juca. Para repensar o nosso futebol. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990, p. 19.

¹⁰⁸ BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990, p. 3; BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990, p. 3; BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990, p. 3;

propaganda em vários comerciais televisivos da Fiat, Petrobrás e Pepsi, Careca vendia sandálias e Bebeto barbeadores, tudo ironizado na seção “Humor” da *Placar*¹⁰⁹. Interessante que a polêmica entre atletas, CBF e a patrocinadora Pepsi praticamente inexistiu nas páginas da *Placar*, talvez pelo fato de a Pepsi ser também uma das principais patrocinadoras da revista naquele semestre¹¹⁰.

De qualquer forma, era preciso começar um novo ciclo na seleção, pensando na Copa de 1994 nos Estados Unidos. O primeiro passo foi a definição de um novo treinador. A *Placar* afirmou logo de início que o técnico Carlos Alberto Parreira era o preferido do presidente Ricardo Teixeira, mas polarizava a disputa com o ex-jogador Paulo Roberto Falcão. Corriam por fora ainda os treinadores Jair Pereira, Rubens Minelli e até mesmo Telê Santana. Segundo a revista, a discussão apontava para o perfil do sucessor de Lazaroni: ex-jogador ou teórico do futebol? Adepto do futebol-arte ou das táticas europeias? Falcão ou Parreira? A *Placar* ouviu celebridades e personalidades do futebol e Falcão era o preferido¹¹¹.

Kfourì comentou: Parreira é técnico comprovado, experiente e “teórico brilhante”, enquanto Falcão, que nunca foi técnico, possuía “o brilho que nosso futebol perdeu”¹¹². A *Placar* afirmou que foi o diretor de futebol da CBF, Paulo Salgado, quem convenceu Teixeira a contratar Falcão. Sua missão seria a de promover uma renovação na seleção, convocando jogadores que atuavam no futebol brasileiro, uma vez que os estrangeiros que disputaram a Copa de 1990 saíram dela com a imagem de mercenários antipatrióticos¹¹³.

Por fim, Lazaroni, já no comando técnico da Fiorentina da Itália, deu entrevista à *Placar* para responder as críticas sofridas desde a eliminação. Chamou os jornalistas de covardes em suas críticas; defendeu o uso do líbero; se justificou da fama de falar “lazarônês”, enfeitando o vocabulário durante as entrevistas¹¹⁴; chamou Renato Gaúcho de egocêntrico; reafirmou que

BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 13; BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 3 e BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990, p. 6.

¹⁰⁹ O MUNDIAL VENDE TUDO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990, p. 31 e HUMOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990, p. 39.

¹¹⁰ Segundo nota de *Placar*, a Pepsi gastou U\$ 5 milhões em publicidade e outros U\$ 1 milhão para a CBF. Em sua entrevista, Renato Gaúcho abriu o jogo: os atletas reclamavam de sua cota de premiação ser de apenas U\$ 50 mil enquanto em outras seleções a cota chegara a U\$ 300 mil pela conquista do título. BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990, p. 3 e ENTREVISTA RENATO GAÚCHO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990, p. 22-23.

¹¹¹ O PREFERIDO É PARREIRA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990, p. 24; COMEÇAR DE NOVO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990, p. 25 e CHEGOU A MINHA VEZ. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.047 de 13/07/1990, p. 24.

¹¹² KFOURI, Juca. O único João que nem Mané driblou. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.048 de 20/07/1990, p. 8

¹¹³ BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.049 de 27/07/1990, p. 18.

¹¹⁴ Em entrevistas coletivas o treinado Sebastião Lazaroni abusava do uso de filigramas como “galgar parâmetros”, “intenção sinérgica”, “lastro físico” e outras (FARIAS, 2014).

chamaria novamente 90% daquele grupo de jogadores que levou à Copa e não admitiu ter errado nas escolhas que fez à frente da seleção¹¹⁵.

Considerações Finais

Chama atenção nas fontes a constante recorrência à ideia de “modernizar” e “abrir” o futebol brasileiro à forma de jogo europeia. Ricardo Teixeira foi eleito presidente da CBF com a plataforma política da “modernização”. O jovem técnico Sebastião Lazaroni, ao usar o sistema 3-5-2 com líbero, dizia estar “modernizando” a seleção brasileira ao estilo que já era adotado há anos na Europa, o que deixa implícita a ideia de que o período sem títulos entre 1971-89, foram décadas perdidas também no futebol. Esta retórica do “modernizar o Brasil” estava presente também nas discussões políticas e econômicas naquela virada de década em que o Brasil saía da ditadura e passava por uma redemocratização frustrada. A grande imprensa forjou o consenso em torno da redução do Estado de bem-estar e pela adoção do modelo econômico neoliberal. O presidente Fernando Collor se elegeu abusando da retórica de “jovem modernizador” contra o estatismo e do discurso de abertura da economia aos tecnológicos produtos importados que há anos a população europeia já desfrutava (GUILHERME, 2019).

Na cobertura que fez sobre a seleção brasileira, a *Placar* oscilou com equilíbrio entre a expectativa inerente a uma publicação que precisa das vitórias em campo para vender exemplares nas bancas e o jornalismo esportivo sério e independente, que sempre caracterizou a história da revista. Por exemplo, o debate sobre o sistema e esquemas de jogo, em especial o uso do líbero na cultura futebolística brasileira, certamente contribuiu na formação do leitor e dos profissionais do futebol.

Na volta ao Brasil, os jogadores e a comissão técnica foram hostilizados pelos torcedores nos aeroportos, que lhes atiraram moedas, acusando-se de mercenários. O técnico Sebastião Lazaroni foi o mais responsabilizado pelo fracasso em campo e, desde então, teve as portas semi-fechadas no mercado do futebol brasileiro e precisou construir carreira quase toda no futebol árabe e europeu. A escolha por Falcão no comando da seleção foi uma tentativa de copiar o sucesso de Alemanha campeã em 1990, treinada pelo ex-jogador Franz Beckenbauer.

O uso da pejorativa expressão “Era Dunga” servia como sinônimo de futebol pragmático, defensivo e burocrático que o time apresentou na Copa de 1990 e aqueles jogadores ficariam meses afastados das próximas convocações da seleção brasileira. Porém, corroboro a avaliação de Airton de Farias, para quem, “paradoxalmente, a vitória da seleção alemã e de seu futebol-força naquele Mundial acabou servindo para endossar ainda mais o discurso dos defensores da ‘modernização tática’ do futebol brasileiro” (2014, p. 55). Sobre as escolhas táticas de Lazaroni, é fato que elas deram errado. Porém, o futebol é feito de preferências. Não existe o “jeito certo de jogar”, mas sim o jeito de jogar que “deu certo” com determinado grupo de jogadores, contra aqueles adversários e naquele momento do futebol. Lazaroni, ao optar

¹¹⁵ ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.050 de 03/08/1990, p. 31.

pelo 3-5-2 com libero, aderiu ao jeito hegemônico do futebol da época¹¹⁶. Ele arriscou e perdeu, mas sua aposta é compreensível. Por isso, penso ser exagerada a crucificação midiática sobre Sebastião Lazaroni.

Reconhecer que o futebol apresentado pela seleção brasileira esteve longe de ser o “futebol-arte” que o torcedor gostaria de ver, não leva à conclusão imediata de que foi o uso do “futebol europeizado” que resultou na derrota do Brasil. Se o jogo brasileiro foi ruim, o da Argentina, no 5-3-2 que inverteu a pirâmide, também o foi ao longo de toda a competição, sempre passando de fase com resultados magros ou empates decididos nos pênaltis¹¹⁷. Mesmo as seleções alemã, italiana e inglesa chegaram às semifinais apenas com resultados apertados e jogos decididos nos últimos instantes na fase de mata-mata da competição. O Brasil era um time de jogadores comuns, ainda inexperientes, submetidos a um sistema de jogo que não dominavam e, ao se depararem com outro time de jogadores comuns, mas atuando em um sistema de jogo que dominavam, acrescidos de um craque fora de série, Maradona, foram derrotados na melhor partida que jogaram na Copa. Um pouco mais de sorte ou mesmo a adoção de um sistema tático mais tradicional e aquela seleção possivelmente teria, também aos trancos e resultados apertados, chegado às semifinais da competição.

A “volta do futebol arte” com Falcão não deu resultado na seleção, muito por conta da “ordem expressa [dada por Ricardo Teixeira] para não convocar determinados jogadores” (ROCHA e COSTA, 2014, p. 17) que confrontaram os interesses econômicos da CBF na Copa. O êxodo de jogadores rumo à Europa aumentou e Falcão teve poucas boas opções à disposição¹¹⁸. Seu substituto foi Carlos Alberto Parreira, que enfrentou as críticas da imprensa e dos torcedores por, supostamente, reimplantar um futebol defensivo e pragmático, mas “moderno e europeu”¹¹⁹. Ele reabilitou os jogadores da “Era Dunga”, implementou um sistema mais tradicional no 4-4-2, com dois atacantes de movimentação e contou com a genialidade do atacante Romário, em sua melhor fase na carreira, para conquistar o tetracampeonato na Copa do Mundo de 1994. Do time titular que entrou em campo na final de 1994, oito estiveram em 1990¹²⁰. Ou seja, a conquista do tetra começou na Copa da Itália: ela formou a base e deu a experiência necessária aos atletas.

Por isso, diante das questões levantadas neste artigo, em especial nestas considerações finais, torna-se necessário para o complemento do tema: pesquisar como a revista *Placar* percebeu e se posicionou diante do futebol apresentado pelas demais seleções na Copa de 1990, espaço que permitiria discutir melhor o sistema 3-5-2, usado por 20 das 24 seleções; pesquisar como

¹¹⁶ Segundo Paulo Vinícius Coelho (2014), 20 das 24 seleções da Copa de 1990 jogaram no sistema 3-5-2.

¹¹⁷ Jonathan Wilson mostra que a Argentina, entre a final de 1986 e o início da Copa de 1990, venceu apenas 6 dos 31 jogos que disputou, mas tinham o talento de Maradona e a capacidade de “vencer os que mais importavam” (2016, p. 331).

¹¹⁸ Ainda assim, sob o comando de Falcão, foram se consolidando na seleção nomes como Cafú, Leonardo, Mauro Silva, Márcio Santos e Raí, fundamentais para o ciclo que levaria ao tetra em 1994.

¹¹⁹ Críticas estas que Paulo Vinícius Coelho (2014) (2018) considerada infundadas.

¹²⁰ E se não fosse as contusões de Ricardo Gomes e Ricardo Rocha às vésperas do Mundial, seriam nove jogadores.

outros veículos da imprensa esportiva avaliaram e se posicionaram diante do desempenho da seleção brasileira; pesquisar como veículos de imprensa esportiva de outros países avaliaram o desempenho do futebol brasileiro na Copa da Itália. Temas em aberto para futuras pesquisas e pesquisadores.

Referências:

Reportagens e colunas publicadas em *Placar*:

A ARTE DO FUTEBOL TOTAL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990.

A CAMISA 9 TEM DONO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.002 de 25/08/1989.

A LUTA PARA VENCER O TABU. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042^a.

A SELEÇÃO DIVIDE O PAÍS. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990.

ASTRO NOVO, VELHO MITO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990.

ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.024 de 26/01/1990.

ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.025 de 02/02/1990.

ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.027 de 16/02/1990.

ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990.

ATENÇÃO, LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.034 de 14/04/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.

BASTIDORES, Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990.

BASTIDORES. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.049 de 27/07/1990.

BATEU DESESPERO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.034 de 13/04/1990.

CAMPEÃO SE GRITA EM PORTUGUÊS. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 996 de 21/07/1989.

CHEGA, O BRASIL EXIGE SERIEDADE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990.

CHEGOU A MINHA VEZ. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.047 de 13/07/1990.

CHOQUE COM A REALIDADE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.037 de 04/05/1990.

CLUBES DÃO UM PASSO À FRENTE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021, de 05/01/1990.

COMEÇAR DE NOVO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990.

CRAQUE DE ÚLTIMA GERAÇÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990.

EFEITOS DE WEMBLEY. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.033 de 06/04/1990.

ENTREVISTA ARMANDO NOGUEIRA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990.

ENTREVISTA CASAGRANDE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.

ENTREVISTA FALCÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990.

ENTREVISTA JORGE SALGADO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990.

ENTREVISTA JUNIOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990.

ENTREVISTA MAURO GALVÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990.

ENTREVISTA MULLER. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.037 de 04/05/1990.

ENTREVISTA NETO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990.

ENTREVISTA PELÉ. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição. 1.045 de 29/06/1990.

ENTREVISTA RENATO GAÚCHO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990.

ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990.

ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.050 de 03/08/1990.

ENTREVISTA SEBASTIÃO LAZARONI. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 972 de 27/01/1989.

ENTREVISTA TAFFAREL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990.

ENTREVISTA TELÊ SANTANA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990.

ENTREVISTA TONINHO CERREZO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.047 de 13/07/1990.

ENTREVISTA WANDERLEY LUXEMBURGO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.032 de 30/03/1990.

FONSECA, Divino. Passos decisivos em terra hostil. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 994 de 07/07/1989.

HUMOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.

INSUBSTITUÍVEL, A FRATURA DE ROMÁRIO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990.

KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. A seleção entra no ritmo. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.

KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. Brilha, seleção. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990.

KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. Era Maradona. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990.

KFOURI, Juca e RODRIGUES, Jorge Luiz. O choro de alguns, a gargalhada de outros. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990.

KFOURI, Juca. A ironia de uma derrota injusta. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990.

KFOURI, Juca. Agora, nós é que somos a Itália. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.

KFOURI, Juca. Coluna. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 973 de 03/02/1989.

KFOURI, Juca. Editorial. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A de 08/06/1990.

KFOURI, Juca. O Brasil cansou de ganhar antes. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.024 de 26/01/1990.

KFOURI, Juca. O único João que nem Mané driblou. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.048 de 20/07/1990.

KFOURI, Juca. Os olhos vêem e o coração sente. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1043 de 15/06/1990.

KFOURI, Juca. Para repensar o nosso futebol. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990.

LAZARONI MAIS TRANQUILO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.036 de 27/04/1990.

- LIBEROU GERAL. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.028 de 23/02/1990.
- NA ESPERA DO MESMO RAIOS. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A.
- O CAMINHO É LONGO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.038 de 11/05/1990.
- O DESABAFO DO TREINADOR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 957 de 07/10/1988.
- O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.043 de 15/06/1990.
- O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.044 de 22/06/1990.
- O DIÁRIO DE DUNGA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990.
- O MUNDIAL VENDE TUDO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990.
- O PARAÍSO ESTÁ LONGE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A.
- O PODEROSO CHEFÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 972 de 27/01/1989.
- O PREFERIDO É PARREIRA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.045 de 29/06/1990.
- O QUE IMPORTA É EXPORTAR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021, de 05/01/1990.
- OS PLANOS DE CARLOS ALBERTO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 876, de 16/03/1987.
- RODRIGUES, Jorge Luiz. Dez dias entre a agonia e a glória. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.041 de 01/06/1990.
- RODRIGUES, Jorge Luiz. O capitão do Laza. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.039 de 18/05/1990.
- RODRIGUES, Jorge Luiz. Sem sacrificio não dá. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.046 de 06/07/1990.
- RODRIGUES, Jorge Luiz. Só restam 3 vagas. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.029 de 09/03/1990.
- SEM MEDO NEM MODÉSTIA. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.042A.
- UM PASSO À FRENTE. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.040 de 25/05/1990.
- UM TITULAR VAI DANÇAR. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.031 de 23/03/1990.
- VITÓRIAS DA NOVA GERAÇÃO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.021 de 05/01/1990.

VOU ARREBENTAR NA COPA, A PROMESSA DE ROMÁRIO. Revista *Placar*. São Paulo: Abril, edição 1.035 de 20/04/1990.

Referências bibliográficas:

CHIARIONI, Bruno e KHOEHN, Márcio. *Onde o esporte se reinventa: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar*. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

COELHO, Paulo Vinícius. *Taticamente: a história das Copas explicada pelas cabeças e pranchetas dos treinadores*. São Paulo: Panda, 2014.

COELHO, Paulo Vinícius. *Escola brasileira de futebol*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade (vol.2)*. Fortaleza: Armazém Cultural, 2014.

GALLINDO, André e ZIRPOLI, Cássio. *1987: de fato, de direito e de cabeça*. São Paulo: Onze Cultural, 2017.

GIGLIO, Sérgio Settani e SILVA, Diana Mendes Machado da. *O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud (org.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GUILHERME, Cássio Augusto. *1989: história da primeira eleição presidencial pós-Ditadura*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

HEIZER, Teixeira. *Maracanazo, 16 de julho de 1950: tragédias e epopeias de um estádio com alma*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo: a mais completa obra sobre as Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

KFOURI, Juca. *Confesso que perdi: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

MALAIÁ, João. *Placar: 1970*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Victor Andrade de (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MELO, Victor Andrade de, DRUMOND, Maurício, FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

OSTERMANN, Ruy Castro. *Itinerário da derrota: crônica de cinco Copas do Mundo sem Pelé*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

PEREIRA, Miguel Lourenço e COELHO, João Nuno. *Noites Europeias 1897/2017: 120 anos de história das competições de clubes da Europa*. Petrópolis: Corner, 2018.

RIBEIRO JR, Amaury, CIPOLINI, Leandro, AZENHA, Luiz Carlos e CHASTINET, Tony. *O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo*. São Paulo: Planeta, 2014.

ROCHA, André e COSTA, Michel. *É Tetra!:* a conquista que ajudou a mudar o Brasil. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014.

ROMÁN, Gustavo e ZANATA, Renato. *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?*. Rio de Janeiro: Maquinárias, 2012.

SILVA, Marcos Sérgio. *O Brasil nas Copas*. São Paulo: Alameda, 2010.

WILSON, Jonathan. *A pirâmide invertida: a história da tática no futebol*. Campinas: Grande Área, 2016.

Recebido em 08 de junho de 2020
Aprovado em 27 de junho de 2021